

## UMA GRAÇA QUE POUCOS DESEJAM

### Caio Fábio

Escrito na Holanda, em 1986, durante o Congresso de Evangelização Mundial, patrocinado por Billy Graham.

## DEDICATÓRIA

Aos que não deixaram o abuso matar a generosidade e a capacidade de dar com amor e alegria!

## UMA GRAÇA QUE POUCOS DESEJAM

Nós aprendemos desde cedo que a graça é favor imerecido. É algo que está para além das posses de nossas virtudes. Justamente por essa razão a graça é de graça.

No entanto, na nossa idéia do que seja graça, enquadram-se apenas as felizes, fáceis saborosas e carismáticas manifestações das bênçãos de Deus sobre nós (Ef. 1:3). Nunca pensamos em graça como privilégio de sofrer.

Todavia, também esta dimensão está presente na teologia do conceito de graça:

“Por que vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo, e não somente crerdes nele...” (Fp. 1:29).

Sem dúvida tal conceito não tem nada de convidativo e empolgante em si mesmo. Nosso mundo é, a cada dia mais, patrocinador da idéia do não-sofrimento. Somos a sociedade do analgésico. A anestesia psicológica, existencial e social é a nossa maior medicina. Especialmente para aqueles que apesar de viverem no terceiro mundo, mantêm o status e o padrão do primeiro.

Além da graça de sofrer, há ainda uma outra graça indesejável – aliás, bem poucos a vêm como graça, como privilégio, como favor imerecido. Trata-se da graça de **contribuir**.

**Percebe-se** a contribuição como graça, mais do que qualquer outra ocasião, quando Paulo faz conhecer a igreja de Corinto a atitude generosa e pródiga de amor que permeava o gesto da igreja da Macedônia, quando se solidarizou com a comunidade cristã da Judéia – que passava um gravíssimo período de pobreza e fome – enviando-lhe ainda que sem condições ideais para tal oferta de amor.

Os irmãos da Macedônia não se sentiam dignos de contribuir, de participar da obra de Deus. Por isso, pediam que essa possibilidade lhes fosse criada, ainda que numa expressão de graça, de favor imerecido.

Paulo diz aos coríntios:

“Também irmãos, vos fazemos conhecer a **graça** de Deus, concedida as igrejas da Macedônia; por que no meio de muita prova e tribulação manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade” (II Cor. 8:1 e 2).

O apóstolo prossegue dizendo que era tão grande a consciência que tomava os irmãos macedônios de que contribuir era um favor imerecido, que eles suplicaram com “muitos rogos a **graça** de participarem da assistência aos santos” (II Cor. 8:4).

O gesto macedônio inspirou Paulo a enviar Tito a Corinto a fim de promover a mesma compreensão, desencadeadora da mesma atitude:

“O que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta **graça** entre vós” (II Cor. 8:6).

Aliás, nada se podia esperar de uma igreja que se julgava madura como a de Corinto – crendo que estava superabundando em fé, teologia, sabedoria e serviço social – senão algo, no mínimo, semelhante à consciência dos irmãos macedônios. Por essa razão Paulo lhes diz: “Assim também abundeis nesta **graça**” (II Cor. 8:7). De fato, o que se define de modo irrefutável neste intróito do apóstolo à questão da contribuição, é que ofertar para a obra do Senhor é um favor que nenhum de nós merece. **É graça.**

Eu não mereço contribuir. Você também não. Nenhum dinheiro ganho com ambíguas motivações é santo. Nosso dinheiro não é em si mesmo puro, tão somente pelo fato de que não estamos na lista dos sonegadores (ou estamos?), ou por termos nossos compromissos pagos em dia. Os tesouros desse mundo são metafísica e motivacionalmente tesouros da injustiça (Lc. 16:9). E as motivações que na grande maioria das vezes determinam nossa relação com o lucro não são de todo santas (I Tim. 6:10a).

Por isso, nossa contribuição é uma concessão de Deus. A santidade absoluta de Deus, se praticada sobre nós, não nos permitiria “nem contribuir”; mas na sua graça, Ele santifica nosso dinheiro, quando a grande motivação que nos leva a adquiri-lo é poder viver com dignidade e promover a causa do reino de Deus. Se não for essa a propulsão secreta de nossos corações, a nossa contribuição não passará de uma abominação. De uma atitude semelhante a aquela que norteou a oferta de Caim (Gn. 4:1-7; Jd. 11).

Nossa oferta ao Senhor não é de fato uma oferta de Deus. É, antes de tudo, uma oferta de Deus a nós. Quem oferta a Deus, oferta a si mesmo, na medida em que dar, antes de ser uma graça de nós a outros, é uma graça de Deus a nós. Se alguém se comove a dar, humilde e alegremente, é porque já foi tocado pela graça de Deus (Rm. 7:18; Fp. 2:13).

Mas quantos querem essa graça? Você a quer? Você deseja a bênção de contribuir? De devolver o que é de Deus na direção da causa de Deus?

A maioria das pessoas que eu conheço contribui ainda com medo de Deus. Ou então o faz na estreita medida do dízimo. Por que Malaquias chama de ladrão aquele que não contribui, então resolve quitar seu carnê do Reino (Ml. 3: 8 e 9). Todavia, essas pessoas fazem isso com o mesmo sentido de obrigatoriedade com o qual pagam a conta de luz, a água ou aluguel do apartamento. Não lhes move o coração o temor do Senhor. Não se sentem comovidos pela graça. Não percebem que não teriam direito a meter a mão no bolso para dar a tão santa causa.

Você deseja a graça de contribuir?

Quem apenas dá o dízimo ou se deixa motivar a contribuir pelos mesmos sentimentos daqueles que liquidam uma conta para não terem o nome no S.P.C., ainda não passou da Velha Aliança para a Nova, ainda não pensa como cristão, mas raciocina com legalista judeu.

O Novo Testamento vai além do Velho Testamento também na questão do dar. Em Cristo, o dízimo não é a mensalidade dos crentes na sociedade religiosa da igreja ou no filantropo clube da fé. No novo testamento, o dízimo é uma quantia de referência mínima para estabelecer o piso de nossas contribuições, entendidas não como cobrança, mas como graça, como privilégio.

Depois que eu entendi isso, resolvi só agradecer as ofertas que alguns amigos endereçam a mim como pessoa. Mesmo assim, eu sei que antes de estarem dando a mim e para meu sustento pessoal, eles estão dando ao Senhor. Faço isso somente nesse caso, e por questão de estrita educação. Quanto ao mais, se alguém deseja contribuir com a missão que presido com qualquer outra causa cristã, não posso agradecer. Tenho apenas que estimulá-lo a continuar a crescer na causa de Deus. Minha gratidão tem que se dirigir a Deus. Minha alegria, no entanto, se direciona aos irmãos que entenderam a graça de contribuir.

Neste ponto creio que pode ser imensamente útil continuarmos a estudar os princípios de contribuição que aparecem em II Coríntios 8 e 9. Aprenda-os, e certamente sua dimensão de espiritualidade incluirá uma área até agora mais compreendida como profana do que como zona da graça. Mas quem é que conhece qualquer coisa que a nós nos venha que não seja pura e simplesmente graça?

## PRIMEIRO PRINCÍPIO

### **A boa situação financeira não deve ser pré-requisito para alguém contribuir.**

A igreja da Macedônia resolveu começar a contribuir numa hora em que qualquer economista chamaria de “momento de loucura” ou de “euforia irresponsável”.

Na realidade, se havia uma igreja necessitando pedir oferta era a Macedônia. Eles eram quase tão pobres quanto aqueles aos quais resolveram ajudar:

“Porque em meio de muita tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade” (II Cor. 8:2).

Há pessoas e igrejas que estão esperando ficar ricas para então começarem a investir em missões, interna e externamente. Há outros que desculpam sua falta de interesse na graça de contribuir alegando a situação financeira do país. Há também alguns que só se movem na direção da contribuição se ouvirem a mais espetacular de todas as histórias de necessidade e carência. Eis a tentação da maioria das missões: exagerar no espetáculo da miséria a fim de obter ajuda.

**A nós que estamos envolvidos em trabalhos e projetos que sobrevivem pela fé na provisão de Deus através da consciência dos irmãos quebrantados, fica cada vez mais claro que quanto mais rica uma pessoa se torna, menos ela dá, proporcionalmente ao que possui e ao que poderia.**

A contra partida também é verdadeira: em geral, quanto mais pobre a pessoa é, mais desproporcionalmente superior a sua pobreza é a sua oferta.

Isso acontece porque na maioria das vezes a riqueza material é inversamente proporcional à riqueza da graça no coração. Os que menos têm mais dependem dos favores divinos:

“A profunda pobreza superabundou em grande riqueza de generosidade” (II Cor. 8:2b).

A alguns tal afirmação pode parecer excessivamente forte, ainda que eu não tenha dito que **sempre é assim** que acontece, mas que na maioria das vezes é dessa forma que as coisas se desenvolvem no coração humano. Mas para aqueles que possam ter alguma dúvida, vale reler o que Jesus disse ao comparar ricos e pobres no ato de ofertar:

“Assentado diante do gazofilácio, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias.

Vindo, porém uma viúva pobre depositou ali duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante.

E, Jesus, chamando seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes. Porque todos

eles ofertaram do que lhe sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento.” (Marcos 12:41-44).

Note como as grandes quantias dos ricos só eram consideradas grandes em relação às pequenas quantias dos pobres. Todavia, os ricos davam de sua sobra, os pobres de seu sustento.

No entanto, entre nós, a situação é ainda pior do que a daquele dia quando Jesus se assentou diante do gazofilácio para avaliar essas desproporções. No meio deles, os ricos pelo menos davam grandes quantias, ao passo que, entre nós, pouquíssimos são os que dão alguma coisa, e há daqueles que quando fazem ainda tentam administrar seu próprio investimento.

**As dádivas do tempo da riqueza são óbvias e ordinárias, mas as dádivas do tempo da pobreza são extraordinárias expressões de fé e amor.**

Voltando ao enunciado de nosso primeiro princípio, devo dizer-lhes: não espere pagar todas as contas, ficar rico, bem empregado ou formado no curso universitário para começar a contribuir. Faça-o a partir de hoje, ainda que as circunstâncias não sejam favoráveis. Somente os que cantam como Habacuque um hino na tormenta podem contribuir mesmo em meio à escassez:

“Ainda que a figueira não floresce, nem he há fruto na vide; o produto da oliveira mente, e os campos não produzem mantimento, e as ovelhas forem arrebatadas do aprisco e nos currais não há gado, todavia eu me alegro no Senhor, exulto no Deus da minha salvação” (Habacuque 3:17 e 18).

Eu creio que a hora ideal para se investir em missões é justamente no tempo da adversidade. Quando isso acontece é grande a graça a nós concedida, e muito maior ainda é o fruto desse dadivoso amor. Digo isso, “não porque eu procure o donativo, mas o que realmente me interessa é o fruto que aumente o vosso crédito” (Fp. 4:17).

## SEGUNDO PRINCÍPIO

**Alegria, generosidade, voluntariedade e boa-vontade são motivações indispensáveis a quem quer contribuir.**

Só se alegra em contribuir quem entende tal possibilidade como graça, ou seja, favor imerecido. Somente os que têm acesso ao extraordinário-imerecido é que o vêem como objeto de alegria indizível. Na realidade trata-se de algo além da alegria ordinária. De fato é uma “abundância de alegria” (2b). É uma alegria extravagante e extra-vasante. Esta motivação é tamanha que desencadeia espaço emocional no qual cabe o desejo da bondade. O espaço que a grande alegria faz surgir para os bons desejos é a generosidade.

“**Gene**”-rosidade bem que poderia vir da raiz de “gene”, de sêmem da vida e da procriação. Mas também poderia vir de “**genero**”-sidade, ou seja, de pureza de “gênero”, de humanidade essencial, de verdadeiramente gente, humano...

Não consultei nenhum dicionário etimológico (afinal, estou escrevendo essas linhas num hotel em Amsterdã), mas o sentido da palavra generosidade, parece encurralar-se nos dois becos etimológicos acima sugeridos.

Se assim é, fica claro que a alegria de poder dar é o que mais nos faz genuinamente humanos. Nesse caso o exacerbado desejo de ter é o que mais nos desumaniza. Estranhamente, quanto mais (alguém) se dá, mais (alguém) se tem em essência planificada (João 12:25).

Daí o apóstolo mencionar a “grande riqueza de sua generosidade” (2c). Era uma riqueza humana.

O passo seguinte é desencadeado pela germinação da alegria e da generosidade. Ambas fazem surgir a voluntariedade. Vem à luz assim a raiz mais profunda do desejo automático e espontâneo de dirigir a vontade na direção da vida do semelhante. Isso porque só existe voluntariedade se o sentimento de dirige a outros, por que a auto-voluntariedade nada mais é que educado egoísmo. A voluntariedade tem de ser, portanto, canalizada para fora do âmbito pessoal daquele que a sente. E mais ainda, a voluntariedade é um exercício da vontade para além das possibilidades ordinárias, cômodas e imediatas:

“Porque eles... na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários...” (3).

A voluntariedade é a atitude primitiva e inicial da vontade em concepção. Por isso o próximo passo é a transformação da tendência em comportamento:

“Porque, se há boa vontade, será aceita conforme o que o homem tem, e não segundo o que ele não tem” (12).

A boa vontade já é a voluntariedade transformada em ação concreta. Nesse ponto a pessoa já passou da compaixão, da inclinação e do desejo abstrato e já meteu a mão no bolso e deu; já tirou o talão de cheque e o assinou; já dispôs seus bens na direção de outros de maneira concreta, historiável e tangível.

## TERCEIRO PRINCÍPIO

**A contribuição deve ser extra-ordinária e não ordinária.**

Dar o que se têm sobrando, ou o que não nos faz falta, ou o que não nos cria limitações não é ainda o **dar** conforme se requer no Novo Testamento.

Paulo diz: “A profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza” (2b).

Tamanho foi a grandeza humana do gesto dos macedônios que eles deram “na medida de suas posses e mesmo acima delas se mostraram voluntários” (3b).

Dar na medida das posses é um bom começo. Mas ainda melhor é dar acima delas. Quem dá o dízimo dá apenas na medida de suas possibilidades. Mas o Novo Testamento nos convida a suplantarmos a velha medida decimal. Somos exortados a deixarmos o ordinário e a penetrarmos na porta dimensional da generosidade extra-ordinária. Afinal, o ordinário até os pagãos conseguem realizar, mas o extra-ordinário, somente os filhos do Pai de extra-ordinário amor estão aptos a realizar (Mt. 5:43-48). Por isso é que eu digo sempre que o dízimo é apenas um bom ponto de partida, mas é um limitadíssimo ponto de chegada.

A advertência de Paulo é no sentido de que cresçamos em generosidade, para que não nos transformemos em avaros escondidos nas limitadas fronteiras do dízimo que jamais se transforma em grandeza acima do óbvio.

Conheço pessoas que até seu dízimo dado regularmente é sistematicamente dado com “fiel avareza”. Não obstante haver esses casos há também queridos irmãos que estão se preparando para dia a dia aumentarem o tamanho do seu coração, na expressão de uma generosidade cada vez maior. A dádiva desses irmãos é “expressão de generosidade, e não de avareza” (9:5).

## QUARTO PRINCÍPIO

**A contribuição deve ser uma extensão do compromisso que se tem com o louvor a Deus, com a maturidade espiritual e com a propagação do Reino de Deus.**

Inicialmente nossas ofertas devem ser extensão de nosso culto racional. Ora, o culto racional é a entrega das múltiplas dimensões da vida no altar de Deus como resposta humana às muitas misericórdias divinas que nos alcançaram (Rm. 12:1-3). Por isso, corpo, mente e espírito devem se entregar a Deus na integração do culto-uno, na liturgia não esquizofrenizada da vida. Nesse sacerdócio onde o homem é o oficiante e a oferta ao mesmo tempo, todas as dimensões da vida devem se subordinar a Deus num ato de racional e consciente desejo.

As contribuições devem vir a reboque dessas ações. Devem vir no rebojo desses movimentos, como conseqüência de tão grandes decisões e percepções.

Foi assim que os macedônios fizeram:

“Não somente fizeram como nós esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus” (8:5).

Aliás, é também nesta mesma perspectiva litúrgica que Paulo alude às contribuições que recebera para sua manutenção pessoal:

“Recebi tudo, e tenho abundância, estou suprido, desde que Epafrodito me passou às mãos o que me veio de vossa parte, como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus” (Fp. 4:18).

Quem não considera a dádiva devolvida como privilégio e como liturgia semelhante à gratidão manifestada nos muitos altares do Velho Testamento, ainda não compreende significação do dar.

É exatamente quando essa percepção teológica já nos impregnou que começamos a penetrar num nível de maior maturidade espiritual. Até esse momento a vida estava dividida em sacro e profano, religioso ou secular, espiritual ou material, litúrgico ou mundano. Mas quando se consegue olhar para o dinheiro e consagra-lo a Deus com gratidão, dando-o aos homens ou às causas de Deus realizadas por homens de Deus e pela igreja, então a vida passa a ser uma só, e as dicotomias departamentalizadoras da existência acabam. Compreender isso é em si mesmo um sinal de maturidade espiritual.

Veja como na mente de Paulo a contribuição é uma graça espiritual:

“Como, porém, em tudo manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra, como no saber e em todo cuidado e em nosso amor para convosco assim também abundeis nesta graça” (8:7).

Quem sabe que pode e deve contribuir com a mesma alegria com o qual confessa sua fé, estuda sua Bíblia, exerce discernimento, providencia socorros e manifesta amor, já atingiu aquele nível que se pode chamar de espiritualmente maduro.

A verdadeira maturidade desenvolve uma atitude santificadora e liturgizadora de todas as coisas que lhe vêm às mãos.

Essa maturidade mantém vontade e ação andando juntas, de modo que uma alimenta a outra. E quando a vontade alimenta a ação e a ação estimula a vontade, nasce algo que se pode chamar de **compromisso**.

Veja como na mente de Paulo esse era o fenômeno promotor do compromisso e da responsabilidade de levar as coisas a seu termo, a sua cabal realização:

“E nisto dou a minha opinião; pois a vós outros que desde o ano passado principiastes, não só a **prática**, mas também o **querer**, convém isto:

Completai agora a obra começada, para que, assim como revelastes prontidão no **querer**, assim as leveis a **termo**, segundo as vossas posses.” (8:10 e 11).

Paulo diz que a **prática** sem o **querer** é ação sem compulsão. Mas diz também que o **querer** sem **ação** é emocionalismo volitivo e sem eficácia. A combinação que Paulo acha sadia e promotora de compromisso, anda em círculo:



Este é o ciclo do compromisso contínuo com a manutenção financeira do Reino de Deus: quanto mais eu quero dar, mais eu posso e devo dar, pois quanto mais eu dou, mais desejo dar e, sobretudo, mais me mantenho comprometido e bem motivado a dar.

Não posso ter certeza, mas me parece que tal princípio se enraíza não somente no psiquismo individual, mas também no inconsciente coletivo da comunidade cristã que começa a praticá-lo. Talvez seja também por essa razão que a maioria dos irmãos e das igrejas dos Estados Unidos quando tomam um compromisso de suporte financeiro o mantêm até o fim.

## QUINTO PRINCÍPIO

### A contribuição tem que ter fins, meios e motivos.

Traduzindo este princípio, ele fica assim: quando contribuo, necessito ter **fins** dignos, **meios** justos e **razões** corretas, pois as razões determinam os fins e os fins pré-existem nos meios; ou seja, eu nunca tenho **objetivos** (fins) melhores que minhas **razões** (motivos); e meus objetivos, se são bons, sempre determinam os melhores **meios** de eu poder realizá-los.

Assim é que Paulo inicia determinando o objetivo ou o fim da contribuição: "a assistência aos santos" (4c). Os literalistas, cujo costume é engessar a Palavra de Deus, determinam logo que a única finalidade digna de contribuição é a "assistência aos santos". Todavia, no Novo Testamento, o princípio que deve nortear a prática da contribuição, bem como seu endereço, é tudo aquilo que promove a "justiça, a misericórdia e a fé" (Mt. 23:23). Tudo aquilo que é feito **aos** santos, **pelos** santos e **com** os santos é finalidade que certamente promoverá a justiça, a misericórdia e a fé. Enderece a sua contribuição para onde você encontrar essa finalidade (Fp 4: 15 e 16). É claro que há coisas intermediárias e que merecem o nosso investimento, pois sem elas não se alcançam os objetivos desejados. A partir desse ponto deve ficar claro que todo mandamento bíblico que depender de apoio material e financeiro deve ser objeto de nossa ajuda concreta e monetária (Mt. 28:18 a 20; I Cor.9:14).

Há ocasiões quando para se fazer missões é necessário que se tenha coisas, máquinas, equipamentos e sistemas.\* Todas essas necessidades conquanto materiais e frias, são parte do fim em si mesmo. É claro que o melhor investimento é aquele que se faz de imediato em pessoas, seja ajudando a alcançá-las, seja sustentando aqueles que mais especificamente as alcançam (II Cor.11:13 e 20). Esse era o caso da irmã Febe, que era diaconisa de uma igreja, em Cencreia, a 15Km de

Corinto. Paulo diz que aquela irmã fora durante muito tempo patrocinadora do seu ministério e de muitos outros irmãos (Rm. 16:1 e 2 – onde se lê protetora, no grego é patrocinadora).

Mas como nossos fins são determinados pelas nossas motivações e razões, então o apóstolo outra vez enfatiza a questão motivacional já mencionada no princípio nº 2. Nunca é demais falar sobre a pureza das intenções secretas que nos fazem agir. Paulo, aliás, concentrava toda a sua noção da profundidade do juízo de Deus não tanto em fatos, mas nas sigilosas e encobertas motivações humanas, escondidas nas dobras profundas dos enganosos corações de todos nós (I Cor. 4:5; Rm. 2:15 e 16; Jr. 17:9). Isso porque o apóstolo sabia que fatos bons podem ser produzidos por motivações más e egoístas, mas também sabia que, às vezes, fatos que se tornaram maus foram gerados por motivações boas que foram conduzidas por outros para fins indesejados (João 12:5 e 6).

Se você tem dificuldade em aceitar isso, pense no seguinte: os fundadores de algumas igrejas históricas, que foram homens de límpidas e cristalinas motivações, possivelmente se contorcessem de agonia ao observar aquilo no que suas missões se converteram mais adiante. Ou melhor: não se pode condenar um homem pela morte de um outro ao meter-lhe uma faca na barriga, na expectativa de improvisar-lhe uma operação de apendicite no deserto, onde não havia recursos ou socorro. Nesse caso o fato foi a morte, mas a motivação era a vida.

Alguns, rebatendo o que eu disse acima, afirmam que “o inferno está cheio de boas intenções”. Todavia, eu penso que a escritura nos dá margem para afirmar que o inferno está mais cheio pelas motivações ruins e omissões frias do que pelos fatos (Motivações: Mt. 5: 21 e 22; 23: 27 – Omissões: Mt. 25: 31-46). Paulo prossegue essa consideração ao afirmar que a melhor realização da vida pode ser gerada pela pior motivação:

“Alguns proclamam a Cristo por inveja e porfia, outros porém o fazem de boa vontade...” (Fp. 1:15).

É claro que aqueles que produzem fatos bons, mas sem motivações boas receberão apenas os aplausos dos superficiais observadores humanos, que julgam somente a aparência e não o coração (Mt. 6: 2, 5, 16; 7: 15-23; Jo. 2: 23-25; I Sm. 16:7).

Compreendendo a importância fundamental das motivações em todos os campos da vida, Paulo reafirma:

“Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar pela diligência de outros, a **sinceridade do vosso amor**” (II Cor. 8:8).

A motivação tem que ser o amor sincero. O apóstolo assim fala porque sabe que o amor pode ser apenas uma representação de fraternalismo de palavra, mas sem consequência práticas (Rm. 12:9).

Não importa o quanto você beija as pessoas ou lhes diz que as ama em nome do Senhor, ou os chama de “meu amado”. O que realmente importa é o que o amor motiva a ser feito concretamente pelas pessoas (I Jo. 3: 17 e 18). A genuína motivação de amor torna os sentimentos em ações. Todavia, o mesmo não se dá com as ações. A bíblia ensina que a toda boa motivação corresponde a uma boa ação (correndo-se o risco de que outros a manejam para o mal), mas que a nem todas as boas ações corresponde o amor como motivação (I Cor. 13:3).

É por essa razão que afirmamos que os fins nunca são essencialmente melhores do que as motivações – é claro que olhando com os olhos de Deus. Nesse caso, os fins além de não justificarem os meios, também não justificam as motivações. Mas por falar em meios passemos a eles. Lembre-se que nós anunciamos no início deste 5º princípio que os fins pré-existem nos meios. É claro. Aliás, os fins pré-existem tanto nos meios como nas motivações. Somente na vida dos hipócritas é que os fins inexistem nas motivações e mascaram os meios.

Na questão das contribuições dos cristãos os meios são igualmente importantes. Nos dias de Paulo os meios não eram a tesouraria oficial da igreja, nem uma Missão especializada em Evangelização ou Ação Social, mas homens honestos e respeitados. Era através deles que os recursos eram manejados dos ofertantes aos necessitados.

No caso específico de nossas considerações o apóstolo diz:

“O que nos levou a recomendar Tito que, como começou, assim também complete essa graça em vós” (II Cor. 8:6).

Outra vez ele diz:

“Deus (...) pôs no coração de Tito (...) solicitude por amor de vós; porque atendeu ao nosso apelo e mostrando-se cuidadoso, partiu voluntariamente para vós outros...”

E não somente isto, mas foi (...) eleito pelas igrejas para ser nosso companheiro no desempenho desta graça... desta generosa dádiva administrada por nós, pois o que nos preocupa é procedermos honestamente” (II Cor. 8:16-21).



Hoje em dia os mediadores das contribuições são em geral as igrejas e as missões. No entanto, o que nos preocupa não são os mecanismos de **administração** dos recursos, desde que sejam eficientes e econômicos. O que nos preocupa – como a Paulo preocupava – é a questão da honestidade na **aplicação**. Os fins pré-existem nos meios, logo, se os meios não forem totalmente honestos é por que os fins não são tão honestos assim.

Sabemos de uma entidade religiosa estrangeira cuja administração dos recursos é contabilmente impecável, mas é filosófica e teologicamente corrompida, pois aplica o dinheiro do povo de Deus em ações da indústria armamentista, a fim de ter mais recursos para “pregar o evangelho”.

Não importa se há honestidade contábil nos meios, mas, sobretudo se há honestidade filosófica e teológica nos meios. É nesse ponto que reside o cerne da questão.

\* Note nos evangelhos como sem o barquinho não se teria feito o ministério em volta do mar da Galiléia com a mesma objetividade com que se fez. O barco encurtou o caminho e economizou tempo. O barco foi, portanto, um *equipamento* fundamental na evangelização na Galiléia.

## SEXTO PRINCÍPIO

### A contribuição só é efetiva mediante diligência, presteza e zelo.

É justamente neste ponto que nós, latino-americanos, mais falhamos. Isso porque em geral somos o oposto: relaxados, descansados e negligentes. Quando digo isso falo de mim mesmo. Incluo-me entre aqueles que se esquecem de compromissos, demoram a responder ou a tomar decisões fundamentais e são remissos e negligentes em assuntos que de nós requerem zelo.

Talvez seja por estas razões, mais do que por nossa pobreza, que a igreja brasileira e seus crentes ainda não entraram no rol das comunidades evangélicas verdadeiramente missionárias. É também por essa razão que há pastores passando fome, igrejas sem recursos financeiros e missões nativas (quando digo nativas, não me refiro as que trabalham com índios – que em geral são estrangeiras – mas às missões brasileiras) indo à míngua em seus malogrados projetos, boicotados pelo esquecimento, pela falta de perseverança e pelo descaso da maioria dos contribuintes.

Por isso Paulo cobra dos coríntios inicialmente uma atitude de **diligência**, a fim de tornarem sua contribuição efetiva. Ele diz que fala nas contribuições a fim de “provar pela diligência de outros” – os outros aos quais ele se refere eram os macedônios – a sinceridade dos objetivos e motivações dos irmãos de Corinto (II Cor.8:8).

Sem diligência por parte dos contribuintes as igrejas e missões brasileiras jamais terão recursos suficientes para fazerem missões interna e externamente. Diligência diz respeito a fazer o que tem que ser feito e no tempo certo. É andar na direção prática da execução das coisas necessárias. É não ser romântico e sonhador, falante e estimulador, mas efetivo, prático e concreto em suas ações.

Nesse ponto entra a segunda palavra chave do 6º princípio: **presteza**.

Agora Paulo inverte as perspectivas e diz aos coríntios que os elogiara junto aos macedônios pela presteza com a qual eles certamente cooperariam com a Missão Judéia 57:\*

“Por que bem conheço a vossa presteza, da qual me glorio junto aos macedônios, dizendo que a Acaia está preparada desde o ano passado...” (II Cor.9:2a).

Aí está outra palavra que precisa se transformar em disciplina na minha vida e nas ações de todos nós: presteza.

Presteza é a capacidade de fazer rápido, mas, antes disso, é a virtude de ter as coisas já preparadas “antes”.

No caso dos irmãos da Acaia, Paulo diz que um ano antes eles já tinham começado a ajuntar o projeto Missão Judéia 57. A lição que nos deve alcançar é no sentido de darmos prioridade as nossas contribuições, a fim de as termos preparadas e separadas para os devidos fins. No entanto, só se consegue isso com uma terceira atitude: **zelo**.

As duas palavras anteriores (diligência e presteza) não são necessariamente religiosas e devocionais. Os empresários bem sucedidos têm diligência e presteza, mas não tem que ser crentes para desenvolverem essas virtudes. Elas estão mais associadas à responsabilidade e disciplina do que à religiosidade.

No entanto, a palavra zelo é quase que exclusivamente usada no ambiente da fé. Ela tem um certo toque de devocionalidade, de culto a Deus.

Nos dias de Jesus e de Paulo a palavra zelo era melhor entendida do que é hoje. Até o ano 74 D.C., com a queda da Massada, havia um grupo judeu chamado “os zelotes”. Foram assim chamados porque eram religiosos ultra-radicais e que não suportavam a dominação Romana sobre os judeus. Tãmanha era a ofensa que aquela sujeição lhes causava que eles resolveram, apesar de poucos e fracos, que enfrentariam a superpotência romana até que lograssem a vitória e a libertação de Israel.

Seu zelo era tamanho que vendo que não poderiam vencer os romanos e percebendo-se sem opções senão a rendição, resolveram suicidar-se no alto da fortaleza de Massada, ao sul da Judéia, antes que os opressores pudessem sequer estender as mãos sobre eles.

Por isso a palavra zelo, para Paulo estava intimamente associada ao movimento radical dos “zelotes” dos seus dias.\* Nesse caso zelo é levar até as últimas conseqüências um compromisso, um princípio, uma convicção. Especialmente uma convicção de fé e que implica em obediência ao Senhor.

A comparação com os “zelotes” pode ser demasiadamente forte, mas de fato o que nos falta é zelo na vida e também nos nossos compromissos de contribuição.

Paulo assim diz dos irmãos da Acaia:

“o vosso zelo (nas contribuições) tem estimulado a muitíssimos” (II Cor. 9:2b).

É sempre assim: zelo gera zelo em progressão geométrica, até que muitíssimos são influenciados por esse santo vírus da coerência.

\* É apenas um título criado para contextualizar a missão aos irmãos da Judéia.

## SÉTIMO PRINCÍPIO

A contribuição tem que ser feita ainda que ela signifique um auto-empobrecimento.

Uma das freqüentes afirmações que ouvimos de homens abastados (como já dissemos, proporcionalmente ao que possuem eles, são em geral os que menos dão) é a de que não devem ser tão generosos a fim de não empobrecerem pelas muitas doações.

É claro que numa sociedade classista e de grandes disparidades sociais, no máximo se pode esperar que haja uma reviravolta econômica de modo a produzir um novo perfil social, onde não haja hiatos econômicos, marcados pela indignidade da intransponibilidade social de uma classe para a outra.

Nesse caso – considerando-se uma sociedade como a nossa: semi-funcionalista, classista, injusta e de riquezas polarizadas – o menos ruim que pode haver para os pobres é a presença de ricos generosos. Assim sendo não se tem uma **cura substancial** da sociedade, mas se tem uma assistência menos ruim que a fome total e a miséria absoluta. Nesse

caso a afirmação dos “ricos generosos” – de que não podem empobrecer para poderem continuar doando – tem uma certa fundamentação lógica.

Todos nós sabemos que o ideal de Deus para a sociedade é a igualdade (igualdade, não igualitarismo). Todavia, nossa sociedade ocidental, empobrecida para milhões e afortunada para apenas alguns milhares é a realidade concreta e inolvidável que se nos depara. Daí os ricos generosos afirmarem como no intróito desse princípio nº 7 que mencionei. Nesse caso eles funcionariam, socialmente falando, como uns reservatórios de água do deserto, minando gotas d’água em meio a centenas de outros reservatórios que não deixaram vazar nada aos peregrinos sedentos no deserto.

No entanto, apesar do realismo desses irmãos o Novo Testamento segue seu caminho de anúncio da vontade boa, perfeita e agradável de Deus. Justamente por essa razão os custos do Reino de Deus não são abaixados diante do realismo social dos ricos.

Paulo introduz seu novo princípio afirmando que a base teológica para sua convicção de que a contribuição pode significar até mesmo um auto-empobrecimento vinha da sua fé e compreensão de que o mais básico e fundamental gesto de Deus na direção do homem caído – manifestando seu interesse de redimi-lo de sua miséria e de alça-lo a um novo piso de dignidade e restauração espiritual – era a encarnação, com sua conseqüente implicação de auto-empobrecimento:

“pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos” (II Cor.8:9).

E é óbvio que Paulo está apelando para três implicações fundamentais, decorrentes da compreensão do fato da encarnação:

1. A encarnação, com o conseqüente despojamento divino, foi pura obra de graça. Com isso Paulo tenta nos dizer que quem recebeu a graça deve agir com graça. Esse é o princípio que subjaz em todo o Novo Testamento. (Mt. 5:44 e 45; 18:23-35, com ênfase especial para o “assim também vosso Pai Celeste vos fará...”; Lc. 7:47; Cl. 3:13b; Ef. 5:1 e 2; I Jo. 3: 16).
2. A graça significou não apenas um “favor imerecido” mas um auto-empobrecimento por parte DAQUELE que praticou a bondade. Afinal foi ele quem teve o “prejuízo” inicial com tão grande gesto, pois “sendo rico, ficou pobre”.
3. A riqueza que a nós nos foi outorgada pela graça, não foi material, porém espiritual. Deus se fez gente “para que nos tornássemos ricos”, mas ricos da sua graça (Tg. 2:5-7).

Esse último ponto elimina a idéia de que a riqueza material é sinal de bênção. Como alguém já disse, “se assim fosse seria sinal de que Deus estava abençoando muito a Máfia”. Ao contrário, a riqueza antes de ser bênção, é uma enorme e perigosa responsabilidade. Se você tem dúvida disso leia os seguintes textos:

“Melhor é o pouco havendo o temor do Senhor, do que grande tesouro, onde há inquietação” (Pv. 15:16).

“Melhor é o pouco havendo justiça, do que grandes rendimentos com injustiça” (Pv. 16:8).

“Trabalhar por adquirir tesouro com língua falsa é vaidade e laço mortal” (Pv. 21:6).

“Duas cousas te peço; não mas negues antes que eu morra:

Afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dêes nem a pobreza nem a riqueza: dá-me o pão que me for necessário, para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o Senhor? Ou que, empobrecido, não venha a furtar, e profane o nome de Deus” (Pv. 30:7-9).

“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam, mas ajuntai para vós outros tesouros no céu onde traça nem ferrugem corroem e onde ladrões não escavam nem roubam, porque, porque onde está o teu tesouro, aí esta também o teu coração” (Mt. 6:19-21).

“Então Jesus, olhando ao redor, disse aos seus discípulos: Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!” (Mc. 10:23).

“Ai de vós, os ricos! Porque tendes a vossa consolação” (Lc. 6:24).

“Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição” (I Tim. 6:9).

A riqueza pode vir a ser uma bênção. Note, eu disse **pode**, não disse **é** uma bênção. Aliás, ela **é** uma grande ameaça que **pode vir a ser** uma grande bênção. Todavia, a riqueza só é bênção quando ela decorre de algumas **motivações** e ações específicas e quando ela se dirige a algumas situações concretas:

Vejamos então quando é que a riqueza pode ser uma bênção:

- **Quando o recurso foi adquirido sem engano e malogro:** “Balança enganosa é abominação para o Senhor, mas o peso justo é o seu prazer” (Pv. 11:1).

- **Quando não se pôs a confiança no poder do dinheiro:** “Quem confia nas suas riquezas cairá, mas os justos reverdecem como a folhagem” (Pv. 11:28).

- **Quando a riqueza foi um fruto da humildade e da singeleza:** “Melhor é o que se estimula em pouco, e faz o seu trabalho, do que o vanglorioso que tem falta de pão” (Pv. 12:9).

- **Quando a marca do progresso foi o trabalho diligente e motivado pela sobrevivência:** “O que lavra a sua terra será farto de pão, mas o que corre atrás de cousas vãs é falto de senso” (Pv. 12:11). “Os planos do diligente tendem à abundância, mas a pressa excessiva, à pobreza” (Pv. 21:5).

- **Quando os lábios pronunciaram palavras construtivas e as mãos se moveram com presteza:** “Cada um se farta de bem pelo fruto da sua boca, e o que as mãos do homem fizerem ser-lhe-á retribuído” (Pv. 12:14).

- **Quando a riqueza não foi o fruto da esperteza e da boa vida:** “Os bens que facilmente se ganham, esses diminuem, mas o que ajunta à força do trabalho terá aumento” (Pv.13:11).

- **Quando a arrogância não dominou o coração:** “O pobre fala com súplicas, porém o rico responde com durezas” (Pv. 18:23).

- **Quando a mentira não foi o instrumento da riqueza:** “Trabalhar por adquirir tesouro com língua falsa é vaidade e laço mortal” (Pv. 21:6).

- **Quando não se ficou rico por se fazer “vista grossa ao roubo”:** “O que tem parte com o ladrão aborrece a sua própria alma, ouve as maldições, e nada denuncia” (Pv. 29:24).

- **Quando a riqueza e a prosperidade não advierem de conluíus políticos malignos e promotores de dependências:** “... Muitos buscam o favor do que governa, mas para o homem a justiça vem do Senhor” (Pv. 29:26).

- **Quando a riqueza não vem da opressão e da sonegação dos direitos do próximo:** “Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos e que por vós foi retido com fraude está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até os ouvidos do Senhor dos exércitos” (Tg. 5:4).

**Situações concretas:** Vejamos agora em que direção deve andar o homem rico para que sua riqueza se converta de ameaça em benção:

- **Sua riqueza deve ser descartável:** “Ouvindo-o Jesus, disse-lhe: Uma coisa ainda te falta: Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus, depois vem e segue-me” (Lc. 18:22).

- **Sua riqueza deve se converter juntamente com seu coração:** “Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar as pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais. Então Jesus lhe disse: Hoje houve salvação nessa casa, pois que também este é filho de Abraão” (Lc. 19:8 e 9).

- **A riqueza deve se tornar uma ferramenta de expansão do Reino de Deus:** “E eu vos recomendo: das riquezas de origem iníqua fazei amigos, para que, quando estas vos faltares, esses amigos lhes recebam nos tabernáculos eternos. Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito. Se pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza?” (Lc. 16:9-11).

- **A riqueza deve ser vivenciada com um coração quebrantado e sumamente generoso:** “Exorta os ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento, que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir...” (I Tm. 6:17 e 18).

- **O homem rico deve estar disposto a repartir o que possui, sabendo que a única riqueza que dá segurança é aquela que está reservada no céu:** “... que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro fim de se apoderarem da verdadeira vida” (I Tm. 6:19).

- **A atitude de auto-empobrecimento de Jesus deve se converter no exemplo e no referencial da generosidade dos ricos:** “Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que pela sua pobreza vos tornásseis ricos” (II Cor. 8:9).

Neste ponto, vem-me à mente o exemplo de Barnabé. Possivelmente aquele irmão tivesse boa condição financeira. Todavia, quando o Reino de Deus o tocou, seu coração assumiu uma atitude de extremo auto-despojamento em favor da missão da igreja. Vendeu seu campo e levou seu dinheiro aos líderes da comunidade (Atos 4:36 e 37).

Vale lembrar que quando Paulo escreveu que a contribuição pode significar até mesmo um auto-empobrecimento, a situação sócio-econômica de seus dias era muito semelhante àquela que hoje nos rodeia no terceiro mundo. As discrepâncias sociais estavam mais que presentes: elas saltavam aos olhos. Os escravos eram considerados sub-homens em submissão total aos seus donos. A riqueza também era rara e se constituía em privilégio de poucos. Aqueles que a alcançavam mantinham-na com unhas e dentes para não perde-la. Diante disso você pode imaginar que impacto negativo e radical essa palavra do apóstolo poderia ter entre os eventuais ricos que lessem a sua carta.

No entanto, todos nós sabemos que no contexto da carta fala-se muito que todos eram pobres. Porque então Paulo estaria falando de auto-empobrecimento?

Por três possíveis razões:

1. Para mostrar que mesmo os pobres podem agir com graça de um dadivoso e despreendido amor que os mova a contribuir.
2. Para que os possíveis ricos encubados no disfarce de sua “piedade” fossem conduzidos a uma concreta confrontação com a vontade de Deus. Isso por que Paulo sabia “que uns se dizem ricos sem ter nada, outros se dizem pobres sendo mui ricos” (Pv. 13:7).
3. Além do mais, a carta é escrita aos coríntios, e entre eles a pobreza não era a grande realidade. Sendo Corinto uma cidade situada no istmo do Poliponeso, separando o mar Egeu do Adriático, numa pequena faixa de terra, tornou-se um dos maiores pontos de comércio do mundo.

Por isso, conquanto em corínto houvesse pobres (I Cor. 11:21), o nível geral da igreja era economicamente elevado: o tesoureiro da cidade era membro da igreja (Rm. 16:23 – II Tim. 4:20), o padrão de vida de certos irmãos humilhava os mais pobres (I Cor. 11:22) e havia membros das igrejas que eram sócios em comércios e indústrias locais (I Cor. 6:1 e 4). A prosperidade era uma das marcas daqueles crentes (I Cor. 16:2), a ponto de que alguns deles corriam o risco de pensar que Paulo só se aproximava deles no intuito de obter alguma oferta (II Cor. 12:14). Sim, a igreja de Corínto era uma igreja rica, e como tal, desenvolveu todos os psiquismos dos abastados:

- Idéia de que toda aproximação visa exploração (II Cor. 12:17 e 28).
- Falta de visão das necessidades do Reino de Deus e de seus obreiros (I Cor. 9:6-12).
- Uma economia, em relação ao Reino, incompatível com suas ações e gastos pessoais (I Cor. 9:7-10).
- Uma falta de noção de que o trabalho e a ministração espiritual valem incomparavelmente mais do que o bem material (I Cor. 9:11).

Paulo fala de auto-empobrecimento para que os ricos ocultos se revelassem; porque ele já não estava falando da pobre igreja da Macedônia, porém já voltara sua mira para a próspera igreja de Corínto, seus particulares destinatários.

Portanto, o que deve ficar em nossa mente é que o princípio da contribuição é o princípio da opção de Deus pelo auto-despojamento, assumindo uma cidadania empobrecida, a fim de tornar outros ricos.

Não é à toa que Paulo pensa na encarnação, vida, morte e ressurreição do Senhor Jesus como sendo o paradigma absoluto para os sentimentos do cristão:

“Tende em vós o mesmo **sentimento** que houve também em Cristo Jesus, pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus, antes a si mesmo se **esvaziou**, assumindo a forma de **servo**, tornando-se em semelhança dos **homens**; e, reconhecido em **figura humana**, a si mesmo se **humilhou**, tornando-se **obediente** até a morte, e morte de cruz” (Fp. 2:5-9).

A vida de Jesus é o centro de tudo na fé cristã. Por isso, qualquer perspectiva de cristianismo que não projete seu foco de projeto e de processo de vida na direção de Jesus e sua maneira humana de ser Deus, não é cristão, é outro evangelho, é manipulação do nome de Cristo, adaptando-o aos aspectos legalistas ou pecaminosos de certas culturas e ideologias (Gl. 2:14).

Há lugares do planeta Terra onde esse meu livreto seria considerado mórbido e herético. Nesses lugares quem é rico é estimulado pela fé cristã a ficar mais rico ainda. Por causa disso, essa afirmação de que o princípio da contribuição pode desembocar – in extremis - no auto-empobrecimento, pode parecer mórbida e exagerada.

Mas se você é um dos que se encontram chocados com essa possibilidade, deixe-me dizer-lhe três coisas:

1. Não pode haver dúvida de que o que Paulo tentava nos comunicar era exatamente isso, pelo fato que ele usa o exemplo da encarnação de Jesus para justificar os seus apelos dos contextos antecedentes e imediatos da narrativa, ambos falando em dinheiro e contribuição.
2. É claro que esse princípio não é a regra geral para a vida, mas uma predisposição que precisa ser implantada no fundo do nosso coração, como faceta da Cruz do discipulado da nossa vida.
3. Esse princípio deve ser exercido somente em amor e com profundo bom senso, afim de que os inescrupulosos não tirem proveito da nossa predisposição. Trata-se, portanto do **último** gesto de quem contribui.

## OITAVO PRINCÍPIO

**A contribuição deve ser o resultado da compreensão de que no ciclo da solidariedade toda abundância é dada para suprir a pobreza.**

Eu disse, encerrando o princípio antecedente, que a atitude de auto-empobrecimento só seria admissível se voluntária, exercida em amor e bom senso, para a mais justa das causas, sem constrangimento e como o último gesto do contribuinte, ou seja, uma ação "in extremis".

A prova disso está nesse novo estágio paulino acerca dos princípios de contribuição.

Diz o apóstolo:

"Por que não é para que os outros tenham alívio, e vós, sobrecarga, mas para que haja igualdade, suprimindo a vossa abundância no presente a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha suprir a vossa falta, e assim haja igualdade, como está escrito: o que muito colheu, não teve demais, e o que pouco, não teve falta" (II Cor. 8:13-15).

O apóstolo inicia dizendo que a política de Deus não é dar alívio para uns e sobrecarga para outros. Sobre-carga é peso para além do suportável. A política de Deus é a política da igualdade proporcional. Não do igualitarismo utópico e fardado.

Ah! Nesse momento alguns respiram fundo e aliviados. Já estavam ficando preocupados com o que fariam após ler este livreto. Mas se você chegou até aqui, saiba que houve alguns que o fecharam e o puseram de lado na introdução, antes que se complicassem ainda mais na presença de Deus pelo que passariam a saber. Mas de fato, não há razão para o alívio e para que se diga um: "ainda bem que não era como pensei no princípio nº7".

Note quando Paulo diz que "não é para que alguns tenham alívio, e vós, sobrecarga", ele prossegue dizendo: "mas para que haja igualdade".

Pense bem: Deus não suporta as disparidades, as injustiças e as sobrecargas. Deus ama a igualdade proporcional. Mas se é assim, então raciocine que Deus não quer ver a balança pesar mais para nenhum dos lados. No entanto, como as coisas estão agora, pode não estar pesando pra você, mas talvez esteja pesando imensamente para outros.



Assim como Deus não quer que você dê sua contribuição desajuizadamente a ponto de ficar padecendo necessidade – ao menos que ele lhe fale ao coração conforme demonstramos no princípio anterior –, Ele também não deseja que você permaneça aliviado enquanto irmãos seus vivem em tremenda sobrecarga.

O plano de Deus é que a igreja ensine aos principados e potestades nos lugares celestiais não apenas as coisas convencionalmente associadas à espiritualidade vertical, mas que ela também ensine ao mundo e aos principados espirituais a sabedoria da justiça social, manifestada dentro da própria igreja.

Diante disso, pense nas seguintes realidades:

- Como fica diante de Deus o fato de que na igreja uns tem demais e outros têm de menos?
- Como fica a realidade de que os que têm de-mais, têm muito mais do que precisam; e os que têm de-menos, têm muito menos do que necessitam?
- Como fica a constatação de que sempre sobra dinheiro para os crentes da classe média e alta usufruírem maravilhosos privilégios, ainda que com elevados gastos, enquanto, na mesma época, a freqüente queixa deles é que não lhes sobra recursos para investir no Reino de Deus?
- Como fica diante de Deus o fato de que os negócios de certos irmãos prosperam cada vez mais, ao passo que a obra missionária dentro do Brasil vai a mingua ao lado desses irmãos tão abastados?

Ninguém pode obrigar ninguém a contribuir. A política do Reino de Deus é a igualdade proporcional promotora da justiça, não do igualitarismo.

Somente o Espírito Santo pode constranger uma pessoa a investir no Reino. Mas também somente a pessoa humana pode se fechar para esse constrangimento do Espírito.

Meu irmão, você pode fazer o que você quiser com os seus bens. No entanto, saiba que o plano de Deus é que se você tem o dom de aumentar seus bens, o Senhor lhe concedeu essa possibilidade para que você possa praticar a política do Reino de Deus: a justiça da igualdade proporcional.

Há irmãos pobres e missões pobres lutando para sobreviver com menos do que aquilo que você aplica no supérfluo total.

Se você que ainda me lê é alguém que hoje tem bens, então ouça o Espírito de Cristo lhe dizer:

“A vossa abundância no presente (deve suprir) a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles (que hoje nada tem), um dia venha a suprir a vossa (eventual) falta, e assim haja igualdade”.

Não faz muito tempo que um dos nossos mais fortes mantenedores teve alguns problemas financeiros, de modo que foi a obra de Deus que veio a socorrê-lo. Essa é a melhor forma de fazer poupança: investindo no Reino de Deus.

Você deve ter percebido que desde o início venho afirmando que Deus não é o Deus do igualitarismo fardado e absolutista. O igualitarismo não deu certo em nenhum lugar do

mundo. Em Cuba, no tempo do “Che”, o projeto gerou ociosidade, improdutividade e injustiça: pois alguns trabalhavam muito e outros recebiam a mesma medida. O próprio Fidel Castro está reconhecendo isso agora.

Na União Soviética o mesmo se deu. O líder Mikhail Gorbachev disse no seu discurso de 6 horas seguidas no início de 86, que o igualitarismo está obsoleto, e que ele só gerou burocracia, funcionalismo, parasitismo, corrupção (porque os ambiciosos arranjaram maneiras de ganhar mais do que o nível instituído, através dos mercados negros de “quase tudo” na União Soviética) e esclerosamento funcional.

Não era preciso esperar tanto para saber que isso era inevitável e não daria certo. Bastava que se tivesse crido na política econômica do Reino de Deus: igualdade proporcional, praticada com a consciência de que a fronteira da liberdade de ter vai até onde o **ter** não implica no **empobrecer** do meu próximo.

Liberdade e justiça têm que andar juntas! Liberdade sem justiça se converte imediatamente em libertinagem do ego e orgia econômica da sociedade. E justiça sem liberdade é injustiça mascarada pelo igualitarismo que ora premia os ociosos, ora suprime os direitos do homem.

A justiça é a fronteira da liberdade e liberdade é o âmago da justiça.

Diante disso fica claro que o cristão não pode nortear sua filosofia de administração dos recursos por nenhum dos dois “esquemas econômicos” que dividem este mundo. Ambos **são** corrompidos.

No capitalismo que apregoa a liberdade, falta a visão de que a liberdade não pode acontecer às custas dos outros, especialmente dos pobres e da matéria-prima do 3º mundo. Já o comunismo que apregoa a justiça, peca por suprimir as liberdades e não recompensar de modo justo – logicamente para ser justo não pode ser exacerbado – o trabalho e o esforço dos que mais se afadigam. Além disso, peca também por não dar ao homem direito à voz. É estranho: no primeiro sistema os líderes fecham os ouvidos para não ouvirem os clamores. No segundo, eles fecham as bocas das pessoas para que elas não falem. Em ambos o silêncio é a lei.

A bíblia foge desse maniqueísmo das ideologias econômicas contemporâneas e ensina um caminho diverso, solitário, justo e santo: o caminho da política econômica do Reino de Deus.

“O que muito colheu,

não teve de-mais,

o que pouco colheu,

não teve falta!” (II Cor. 8:15; Ex. 16:19)

Ante tão sublime conceito de administração dos bens e perante tão elevado conceito de justiça sócio econômica, o nosso coração só poderia dizer o mais alto de todos os brados de aleluia:

ALELUIA!

Paulo diz que o tratamento que Deus deu a Israel no deserto, quando o pão era o mesmo e para todos, sem que a ninguém sobejasse e ninguém dele ficasse privado, era o

critério último para nortear a visão econômica dos crentes, da igreja e da sociedade como um todo:

Quem precisa de mais pode ter mais,

Mas não de-mais;

Quem necessita de menos pode ter menos,

Mas não de-menos.

Se assim pensássemos, outra seria a fisionomia social da igreja, outra seria nossa influência na sociedade, e outra seria a situação das missões no Brasil e no mundo.

Não adianta que essas verdades estejam escritas na bíblia. Elas precisam ser encarnadas num projeto histórico concreto o mais rapidamente possível. E o lugar onde isso precisa começar a ser vivenciado é na igreja. Desse modo a igreja será a sociedade alternativa e não a sociedade paralela àquela maior e circundante, e a qual Deus só se refere como injustiça.

## **NONO PRINCÍPIO**

**As contribuições para a obra de Deus devem ser criteriosamente administradas e abertas a auditorias cristãs.**

Você deve ter notado que no oitavo princípio nossa reflexão saiu do âmbito estritamente eclesial e açambarcou o que nós poderíamos chamar “rápidas considerações sobre a filosofia da política econômica do Reino de Deus”. Talvez – apesar de termos sido exíguos e excessivamente simples – alguns tenham achado que saímos muito de nossa proposição inicial. É possível que sim. No entanto, creio que só estaremos aptos para entender certas realidades específicas, com seus mecanismos peculiares e aparentemente não necessitados de explicações, se tivermos compreendido alguns aspectos gerais e mais amplos de uma realidade maior, que tanto introjeta pequenas maquetes suas nas pequenas sociedades (no nosso caso, a igreja é a pequena sociedade), quanto realimenta sua própria mega-estrutura da micro-estrutura sobre a qual ela influi.

Trocando em miúdos: vale estudar a sociedade secular e seus fenômenos (sociologia), por que ela muitas vezes (infelizmente) tem delineado o perfil sociológico da igreja. Isso é parte do que o Novo Testamento chama de “mundanismo”. Além disso, a igreja quando se torna um pequeno modelo interno, tanto econômica, quanto social e administrativamente falando do mundo que acerca, passa a alimentar – juntamente com dezenas de outras pequenas sociedades – o monstro da injustiça que cruelmente tira sua energia dessas milhares de células sociais diminutas.

Isto posto e explicado, voltemos às considerações específicas a respeito do nosso tema propriamente dito:

As contribuições para a obra de Deus devem ser criteriosamente administradas, e abertas a auditorias cristãs.

A preocupação de Paulo com este aspecto do processo da contribuição é simplesmente extraordinária. Ele diz que Tito estava incumbido de levar a oferta dos macedônios à Judéia (II Cor. 8:16-18), como também de apanhar a oferta dos coríntios (II Cor. 9:2-5) e dar a ela o mesmo justo destino. Todavia, ao afirmar isso, nos faz uma das mais belas lições sobre a cautela de um homem de Deus na administração dos recursos da obra do Senhor:

“E com ele (Tito) enviamos o irmão cujo louvor no evangelho está espalhado por todas as igrejas. E não só isso, mas foi também eleito pelas igrejas pra ser nosso companheiro no desempenho desta graça **ministrada** por nós, para a glória do próprio Senhor, e para mostrar a nossa boa vontade;

evitando assim que alguém nos acuse em face desta generosa dádiva **administrada** por nós, pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não somente perante o Senhor, como também diante dos homens” (II Cor. 8:18-21).

Esse é o padrão para o ministério cristão, seja ele de que tamanho for. Do serviço individual à grande organização missionária, é assim que se deve proceder.

Paulo diz que não basta que o obreiro, o pastor, o conselho da igreja ou a missão tenham consciência de que a dádiva foi honestamente administrada. Sua preocupação não era somente com a sua consciência diante de Deus. Ele temia também a calúnia ou a suspeita dos homens (8:21).

Creio que a observância deste princípio não pode mais ser adiada no Brasil. Desde os ministérios pessoais, passando pelas igrejas e indo às missões, esse deve ser o espírito e a preocupação.

Quando escrevo estas páginas (durante o congresso Amsterdam 86), incluo-me entre os faltosos. Não tanto diante de Deus – pois Ele sabe que apesar que nossas inerentes e essenciais imperfeições, temos tentado andar com a consciência limpa diante dEle também nesta área – mas, sobretudo, “diante dos homens”.

Isso porque, como disse Paulo, não basta haver honestidade, tem que haver transparência, ou seja, a administração da igreja ou da missão tem que estar aberta à verificação dos cristãos. E não somente aberta, mas exposta e preocupada em expor-se.

**Meu compromisso pessoal com Deus, comigo mesmo, e com meus irmãos é que de hoje em diante não somente continuarei a ser honesto na administração das dádivas recebidas, como também manterei as contas de nossa missão abertas e publicadas anualmente para todos os interessados.**

Assim diz uma das afirmações do Congresso Amsterdam 86, assumida publicamente por mim e por dez mil outros evangelistas:

“Nós seremos fiéis despenseiros de tudo o que Deus nos der, prestaremos contas das finanças do nosso ministério outros, e seremos honestos na divulgação das nossas estatísticas” (10ª afirmação).

Quantas vezes já li o princípio de II Coríntios 8: 16:21 sem sentir nenhuma comoção! Talvez por ingenuidade, por excesso de latinidade ou por extremo individualismo – próprio de nós protestantes – preocupados apenas com nossa consciência individual diante de Deus. No entanto, nesses dias aqui em Amsterdam senti-me perturbado com as palavras de Paulo:

“Pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também diante dos homens” (II Cor. 8:21).

Minha perturbação não foi causada apenas em função do meu reconhecimento de que é preciso ser mais transparente nessa área. Preocupo-me também com o fato de que além de tudo estamos debaixo de outra ameaça no Brasil: a de termos nos acostumado aos séculos de governos colonialistas auto-centrados e monárquicos e, posteriormente, com os muitos períodos ditatoriais de nossa história, quando o povo nunca tem ou teve acesso aos exames sérios das contas do país, através de seus representantes. Se existe a possibilidade de se ver a questão com as lentes da sociologia, então talvez se explique a quantidade enorme de pastores e denominações que parecem repetir em nível estrutural e econômico a mesma política caudilhesca de fora da igreja. Trata-se de um eclesiasticismo militarizado. Nestes regimes eclesiais o povo também não tem acesso às contas da igreja.

Isso nos preocupa imensamente, inclusive pelo fato de que há hoje no país uma enorme quantidade de novas e independentes igrejas, quase todas elas estruturadas a partir do modelo coronelista, de imensa autonomia para o pastor e grande isolamento para o povo. É o “pinochesamento” da estrutura eclesial (I Pd. 5:1-3).

Se quisermos ser uma santa e forte igreja de Cristo no Brasil, se quisermos ser respeitados intocáveis líderes nacionais nesta geração, se quisermos nos tornar uma das maiores agências de missões e missionários do mundo, então necessitamos reverter o processo de administração autônoma, para um processo participativo, afim de que o diabo não alcance vantagem sobre nós.

Para que isso não aconteça é mister que observemos as instituições que o apóstolo dá nestes nove versículos de II Cor. 8:16 a 24:

**1. É preciso que o líder espiritual seja o ministrador dos recursos, mas não o único administrador deles.**

Paulo diz que o manuseio daquele fundo missionário era um desempenho de ministração de graça (19). Nesse sentido, o líder espiritual deve participar do processo de motivação do povo, e também do direcionamento ministerial do recurso para a visão da necessidade.

**2. É preciso que o líder espiritual passe a outros a administração imediata dos recursos, mas é necessário que ele seja o ad-ministrador dos administradores.**

O apóstolo diz que ele queria ministrar a graça daquele fundo missionário (10), incumbindo outros de administrarem de modo direto os recursos (16, 18, 22, 24). No entanto, ele mesmo está de **olho**, ainda que não tão diretamente, no destino do dinheiro. Por isso, ele se chama também “administrador”, mas no sentido de um “ad-ministrador”, ou seja, de alguém que ministra de fora, delegativamente, porém de modo responsável.

Ah! Como me custou aprender isso!

**3. É preciso que os homens incumbidos da administração estejam acima de toda suspeita.**

É interessante observar os termos de expressões que Paulo usa para descrever esses administradores. Eles são descritos como homens (24 – no sentido da dignidade, não do sexo), companheiros e cooperadores (23), pessoas zelosas e experimentadas (22), de imensa solicitude (16), de coração voluntário (17b), e de mente cuidadosa (17a). Além disso, eram pessoas de vida e condutas já louvadas pelas igrejas (18).

Que Deus nos ajude a achar tais homens para que os tenhamos ao nosso lado na Igreja ou na Missão.

**4. É preciso que a escolha seja democrática.**

Isso no sentido de que o povo da igreja ou a assembléia da missão devem eleger os incumbidos pela administração dos recursos. Paulo diz que não apenas bastou que o seu administrador fosse louvado pelas igrejas, mas foi necessário que ele tivesse sido **eleito** pelas comunidades ou assembleias para o desempenho daquela função (19).

Tenho certeza de que este foi o princípio mais difícil para eu escrever, pelo simples fato de que esta foi à área menos organizada de meu ministério. Deus nos guardou, mas não nos poupou de dissabores. Por isso, enquanto exponho esses princípios estou assinando meu compromisso público de manter as contas da missão que presido sob periódicas auditorias feitas por firmas de auditoria escolhidas pela nossa assembléia anual.

Nas igrejas históricas isso acontece normalmente, mas nas igrejas independentes ou nas nossas missões ainda tupiniquins, tais critérios nem sempre vem sendo usados.

Que o Senhor nos ajude a continuarmos levando a bom termo nossa intenção.

## **DÉCIMO PRINCÍPIO**

O espírito de contribuição deve estar alerta em todos os crentes afim de que não haja necessitados despercebido.

Nesse ponto de nossa exposição, nos confrontamos com os **olhos**, a **sensibilidade** e as **mãos** do Corpo de Cristo: os olhos vêem (I Cor. 12:21a), o coração sente misericórdia (Rom. 12:8c) e as mãos agem em socorro do necessitado (I Cor. 12:21b, 28c – socorros). Tudo isso na perspectiva geral da contribuição como um ministério de todos os crentes. É verdade que há pessoas dotadas de especial capacidade de **ver**, **sentir** e **agir** na direção do socorro ao necessitado (Rm 12:8b). A essa capacitação o Novo Testamento chama “dom de contribuição”. Trata-se daquela pessoa em cujas mãos os dons se multiplicam justamente a fim de que sejam liberalmente distribuídos por esse cristão ungido com o carisma da contribuição especial.

No nosso contexto histórico de II Cor. 8 e 9, Paulo tenta desenvolver na comunidade de Corinto, como um todo, essa hipersensibilidade contributiva. Por isso ele outra vez evoca aos coríntios que ficassem de sobreaviso, e assim não se vissem surpreendidos com a súbita chegada de Paulo, possivelmente acompanhado por irmãos da Macedônia. Essa precaução do apóstolo tem por fim poupar constrangimento ou vergonha aos seus destinatários, caso a comitiva apostólica chegasse e não encontrasse a contribuição da igreja já separada após generosa participação de todos:

“Enviei os irmãos (Tito e Silvano), para que nosso louvor a vosso respeito, neste particular, não se desminta, afim de que, como venho dizendo, estivésseis preparados, para que, caso os macedônios vão comigo e vos encontrem despercebidos não fiquemos nós envergonhados (para não dizer vós) quanto a essa confiança. Portanto julguei conveniente recomendar aos irmãos que me precedessem entre vós, e preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada, para que esteja pronta como expressão de generosidade, não de avareza” (II Cor. 9:3-5).

Neste trecho três realidades básicas saltam aos olhos:

### 1. **O elogio:**

Paulo vinha elogiando a comunidade de Corinto em alguns aspectos. E certamente criou-se uma superexpectativa por parte dos macedônios com respeito à resposta positiva dos irmãos coríntios também na área financeira (9:3).

### 2. **O temor:**

Apesar de falar bem, e esperar melhor dos irmãos de Corínto, o apóstolo temia as conseqüências que poderiam advir de uma possível negligência deles “naquele particular (3b- 4)”. Além disso, Paulo antevê os efeitos negativos que poderiam surgir caso essa sua suspeita se efetivasse negativamente:

- **Vergonha para o apóstolo:** “para que... não fiquemos envergonhados” (4a,b).

- **Vergonha para a igreja:** “para não dizer vós” (4c).

- **Decepção para os macedônios:** Tal preocupação não se declara, se lê somente nas entrelinhas e no espírito da precaução assumido pelo apóstolo-pastor. Isso porque ele sabia como o mau exemplo coríntio poderia repercutir mal entre os macedônios, a ponto de arrefecer-lhes os ânimos de contribuição e generosidade futuras.

### 3. **A imaturidade:**

De fato a cautela do apóstolo seria completamente dispensável se os irmãos de Corínto já estivessem no nível do que nós poderíamos chamar de igreja amadurecida. Na realidade, eles ainda eram meninos em Cristo (I Cor. 3:1 e 2). Por essa mesma razão a preocupação de Paulo era pertinente.

Sendo essas razões históricas pelas quais possivelmente o apóstolo antecipou à sua própria caravana de recolhimento de ofertas uma outra, fica claro que o interesse dele era ensinar aos irmãos o fato de que não deve ser necessário que as contribuições aconteçam apenas como resultados de constantes avisos, lembretes e “comitivas de constrangimento”. Na realidade, o apóstolo julgava desnecessário que assim se fizesse (9:1). Mas como a igreja ainda não estava capacitada e amadurecida, então fazia-se necessário por precaução, que houvesse a carta de lembrança (9:3). E II

Coríntios entre outras coisas é uma “carta-lembrete”, tão comum entre nós hoje em dia quando da intenção de acorda os irmãos esquecidos da graça de contribuir.

Sempre que crentes só contribuem após vários lembretes pastorais, insistentes e perturbadoras correspondências, é sinal de sua imaturidade espiritual. O alvo bíblico é que as contribuições estejam sempre preparadas (9:3c). No entanto, para que isso aconteça, é mister que a mente de cada cristão se converta da mentalidade de **recepção** para a atitude de **doação**.

Especialmente entre nós do 3º mundo ainda predomina esse “complexo de carência”, esse sentimento de receptores não de promotores. Mas é hora de convertermos nossa mentalidade. É hora de nos curarmos da doença da sanguessuga, do parasitismo missionário, da verminose que nos incha e nos impede de crescer.

Sim! Chegou a hora de aliarmos a mais atenta visão das necessidades humanas e da obra de Deus, o mais misericordioso coração e mais ampla e generosa mão. Aliás, este é o princípio bíblico:

“Ora, aquele que **possuir** recursos deste mundo e **vir** a seu irmão padecer necessidade e **fechar-lhe** o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?” (I Jo. 3:17).

Três são as palavras chaves desse processo da contribuição que se afirma como sinal concreto da presença do amor de Deus no coração do Cristo e que tem sua desembocadura na vida prática e horizontal:

1. **Possuir:** é uma alusão aos bens materiais, ao dinheiro ou ao poder que qualquer cristão tenha de influir materialmente sobre a realidade.
2. **Vir:** Esta é a palavra que caracteriza a percepção imediata da necessidade ou a informação de que a necessidade existe de maneira concreta na vida dos irmãos ou da obra de Deus.
3. **Fechar:** É o termo definidor de culpa dos crentes que têm recursos, sabem de necessidades – tanto na vida de irmãos, como no cotidiano da obra de Deus – e tornam-se alheios, indiferentes, ausentes e apáticos. O oposto positivo dessa atitude é o **abrir do coração**.

**Quem fecha o coração para o amor de Deus, fecha também o bolso;** quem abre o coração para o amor de Deus abre também o bolso. E ainda: quem ama a Deus tem uma resposta devocional ao amor de Deus na forma de um dadivoso amor aos irmãos. E esse amor é atento (vê), é solidário (percebe as necessidades) e é prático (socorre de modo concreto).

O resto á logorréia fanfarrista e de um falso e abominável fraternalismo esotérico e abstrato:

“Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (I Jo. 3:18).

É esse o percurso da misericórdia que se transforma em história real de bondade perceptível e tangível:

“Jesus prosseguiu, dizendo: Certo homem descia de Jerusalém para Jericó, e veio a cair em mãos de salteadores, os quais, depois de tudo lhe roubarem e lhe causarem muitos ferimentos, retiraram-se deixando-o semi-morto. Casualmente descia um sacerdote por aquele mesmo caminho e, vendo-o, passou de largo. Semelhantemente um levita descia por aquele lugar e, vendo-o, também passou de largo.

Certo samaritano, que seguia seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho, e, colocando-o sobre seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte tirou dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: Cuida deste homem e, se alguma coisa gastares a mais, eu te indenizarei quando voltar”. (Lucas 10:30-35).

Veja como a seqüência proposta em I João 3:17, seja para ou bem, está presente no texto de Lucas 10:30-35, acima transcrito:

### **I. A seqüência do mal:**

1. **O sacerdote e o levita possuíam algum recurso:** não se fazia aquela viagem de mãos vazias ou sem um pão e um cantil de água fria (Lc 10:31-32). Especialmente em se tratando de tão eminentes pessoas, social e religiosamente falando, como os implicados nesta parte da história.
2. **O sacerdote e o levita viram o homem caído:** “Vendo-o” (Lc. 10:31b,32b).
3. **O sacerdote e o levita fecharam o coração:** “passaram de largo” (Lc 10:31 e 32c).

### **II. A seqüência do bem.**

1. **O samaritano possuía recursos:** óleo, vinho, um animal, e dinheiro (34 e 35a).
2. **O samaritano viu o homem caído:** “passou perto e, vendo-o...” (Lc.10:33).
3. **O samaritano abriu o seu coração:** “se compadeceu dele” (Lc. 10:33b). Só que esta compaixão se transformou numa ação de enfrentamento direto, concreto e específico da situação (34-36).

O que deve ficar em nós desde o décimo princípio de Cor. 8 e 9 é que tanto os indivíduos – cidadãos do Reino de Deus – como a igreja, devem ter seus olhos abertos, seus recursos disponíveis e seu coração escancarado em misericórdia, a fim de antecipar-se sempre aos clamores mais agudos dos necessitados: sejam homens, sejam igrejas menores, sejam missões moribundas.

Minha oração neste momento é no sentido de que daqui em diante Deus nos amadureça como aos macedônios a fim de que, menos tendo pouco, socorramos os que têm menos.

Ainda somos distraídos com os coríntios, mas é tempo de nos sensibilizarmos para as necessidades do Reino de Deus.

Esta é mais uma graça de contribuir!

## **DÉCIMO PRIMEIRO PRINCÍPIO**

### **A contribuição alegre e voluntária é desencadeadora de um ciclo de bênçãos.**

Talvez seja este o princípio que mais alegria gera naquele que lê o seu enunciado. No entanto, ele não funciona isolado. Tudo o que expusemos até aqui na forma de **princípios**, acontece na estrutura de funcionamento semelhante à de uma engrenagem.

Pleitear o cumprimento deste enunciado sem ter em mente um compromisso firmado com tudo o que antes já se disse é um grande engano e que redundará num terrível malogro.



Isso por que não é necessário que se seja crente para que os nossos recursos sociais e econômicos aumentem. Jesus bem sabia disso (Lc 12:16-21).

Quando o Novo Testamento faz promessas ao homem generoso, não faz um **negócio** com a generosidade.

Não podemos nos esquecer de que contribuir é uma concessão de Deus a nós, é uma graça – favor imerecido – e não uma dívida nossa a Deus.

Outra coisa que necessitamos ter em mente é que a promessa que Deus faz de prosperidade aos generosos, não é porque Seu divino coração tenha sofrido uma forte comoção ante tão grandes gestos de bondade humana. As promessas de Deus a nós são pura e simplesmente graça.

Além disso, tal realidade fica mais do que clara, pois o que Deus promete fazer – abençoando e trazendo prosperidade aos dadivosos – acontece numa perspectiva de total contraposição aos princípios e regras econômicas de multiplicação de recursos. A ideologia econômica capitalista funciona a partir da idéia de que quem tem, mais terá, ou seja, dinheiro faz dinheiro, num interminável ciclo. Mas a promessa de prosperidade que Deus faz em sua palavra aos dadivosos contraria em muito o princípio capitalista. No enunciado divino, a coisa fica mais ou menos assim: **quem muito dá, muito terá, pois quem dá aos homens com a alegria de quem devolve à Deus, receberá de Deus muito mais do que aquilo que aos homens deu.**

Veja o texto de Paulo como traduz inigualavelmente esse princípio:

“E isto afirmo: Aquele que semeia **pouco**, pouco também ceifará, e o que semeia com **fartura**, com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama à quem dá com alegria. Deus pode fazê-los abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra, como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre. Ora, aquele que dá semente ao que semeia, e pão para alimento, também suprirá e aumentará a vossa sementeira, e multiplicará os frutos da vossa justiça; enriquecendo-vos em tudo para toda a generosidade, a qual faz que por nosso intermédio sejam tributadas graças a Deus” (II Cor. 9: 6 a 11).

Vale arrumar um pouco mais homileticamente esta passagem transcrita.

Senão vejamos:

## **I. Os exemplos ilustrativos da bênção da prosperidade:**

### **1. A criação:**

“Ora aquele que dá semente ao que semeia... também suprirá e aumentará a vossa sementeira...” (9:10a).

Nesse primeiro exemplo Paulo pensa no fato de que a prosperidade material é algo tão estranho e sobrenatural como a criação da vida. É o princípio da criação da semente, projeto do Criador no qual a maquete da árvore está reduzida ao nível microscópico.

Que lindo!

Assim a Palavra de Deus nos ensina que a maneira como Deus pode abençoar-nos, a partir de nossas contribuições, é tão estranha e sobrenatural como a explosão da semente que se torna frondosa e frutífera árvore.

É um milagre semelhante. É o mesmo Deus que está agindo. Não se deve esperar d’Ele senão alguma coisa do mesmo tipo.

### **2. A semeadura:**

No primeiro exemplo, alude-se ao milagre da vida. É Deus quem dá semente ao semeador. É obra de Deus.

Mas já no segundo exemplo, a referência específica é ao trabalho penoso, perseverante, resoluto e, por vezes, sacrificial, do agricultor:

“Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará, e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará” (9:6).

Nesse caso vincula-se a bênção que advém da contribuição à proporcionalidade do investimento feito com alegria:

“Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama quem dá com alegria” (9:7).

O tamanho da contribuição não é medido em número, mas em proporção ao que se ganha em alegria. É um investimento. É uma ação resolvida e assumida, consciente e planejada. Isso é tão claro que Paulo usa as palavras “pouco” e “fartura” para caracterizar o investimento consciente de cada um.

O contribuinte precisa se ver como um agricultor fazendo uma semeadura, tenha ela o tamanho que tiver.

A fronteira da semeadura é sempre do tamanho da alegria de quem dá. Quem dá por obrigação ou por necessidade, dá pouco, quem dá com alegria e sentimento de privilégio, esse dá muito.

## II. A graça de dar gera uma graça em resposta:

Só se percebe esse fato quando se faz acoplagem de duas frases separadas nos versos 8 e 11:

“tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra... enriquecendo-vos em tudo para toda generosidade”.

Trata-se de um ciclo:

E assim começa tudo de novo, sem fim, sem parar jamais, com ampla suficiência, superabundando em boas obras, sendo de novo enriquecidos e assim praticando inimitável generosidade, tendo sempre... Não é o dízimo, mas é a **dízima periódica** da graça que gera graça, deixando a medida do dízimo pequena demais.

Deus nos dá, por sua graça, **meios** concretos de contribuir. Em seguida Ele nos faz a **concessão** para contribuir. O só sentirmos tal **desejo** já é também graça. O desejo se transforma em **ação**. A ação identifica **necessidades**. As necessidades são supridas por nossas **ofertas**. Nossas ofertas santificadas geram **ações de graças** naqueles que as receberam. Essas ações de graça transformam-se em intenções de misericórdia no coração de Deus que, reverte, então, o processo sobre nós.

## III. Os sub-princípios que desencadeiam o grande princípio do “ciclo de bênçãos”.

### 1. Alegria:

“Por que Deus ama quem dá com alegria” (9:7).

A alegria de dar é aquilo que transforma um custoso e constrangido sacrifício em liturgia celebrativa da graça divina.

Sem alegria a oferenda sacrificiosa é estúpida tentativa de agradar a Deus com aquilo que ele mais abomina: o mecanismo religioso.

## 2. **Boas obras:**

“Superabundeis em toda boa obra” (9:8b).

Não adianta apenas dar. É preciso investir responsabilmente e em coisas que gerem obras boas e não obras más. Com isso não estamos ensinando ninguém administrar a sua contribuição, mas a dar de maneira consciente, inteligente e responsável, a fim de que suas ofertas não estejam construindo o mal e sim o bem.

## 3.

## **Distribuição:**

“Distribuiu, deu aos pobres...” (9:9).

Esta citação do Salmo 112:9 nos transmite a idéia de que a justiça de quem dá aos pobres é a realidade de que, quem deu, sabia que dar aos pobres é uma questão de justiça e não de esmola.

Quem dá com esta consciência acionou um dos sub-princípios que desencadeiam o enunciado maior deste capítulo. Por isso é que se diz: “A sua justiça permanece para sempre” (9:9b). Quem distribui com justiça, é justificado pela graça que faz justo o homem que, apesar de injusto diante do referencial absoluto da santidade divina, pratica a justiça relativa a sua condição de pessoa caída.

## **IV. As grandes promessas e bênçãos aos que se moveram pela graça da contribuição:**

As promessas de que o homem generoso seria bem sucedido permeiam a escritura desde o Velho Testamento. Aliás, o Velho Testamento é até mais enfático nesta proposição do que o Novo Testamento.

Dentre os muitos textos que asseveram que a atitude dadivosa redundará em prosperidade, eis os seguintes:

- “A quem dá liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais; ao que lhe retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda” (Pv. 11:24).
- “A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado” (Pv. 11:25).
- “Quem se compadece do pobre ao Senhor empresta, e este lhe paga seu benefício” (Pv. 19:17).

O profeta Isaías talvez seja o mais rico na afirmação poética daquilo que advém ao ser humano que solta as ligaduras da impiedade, desfaz as ataduras da servidão, deixa livres os oprimidos, despedaça todo jugo, reparte o pão com o faminto, recolhe em casa os pobres desabrigados e que quando vê alguém nu o veste e não se esconde do seu semelhante:

“Então romperá a tua luz como a alva, a tua cura brotará sem detença, a tua justiça irá adiante de ti e a glória do Senhor será a tua retaguarda; então clamarás, e o Senhor te responderá, gritarás por socorro, e Ele dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso; se abrires a tua alma ao faminto e fartares a alma aflita, então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia.

O Senhor te guiará continuamente, fartará tua alma até em lugares áridos, e fortificará os teus ossos; serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas jamais faltam.

Os teus filhos edificaram as antigas ruínas; levantarás os fundamentos de muitas gerações, e serás chamado reparador de brechas, e restaurador de veredas para que o país se torne habitável.” (Isaías 58: 8-12).

No entanto, nossa atenção prioritária não se volta para o que a bíblia como um todo diz a respeito das bênçãos da contribuição e da entrega abnegada e dadivosa. Nossa atenção específica está focada no texto de II Cor. 8 e 9. Pois bem, então prossigamos estudando nosso texto, a fim de descobrirmos quais são as promessas de bênçãos aos que se deixarem tocar pela graça de contribuir. Essas promessas bem se evidenciam mediante cinco expressões que aparecem no nosso texto:

1. **“Tendo sempre”** (9:8). Essa expressão denota a prosperidade na perspectiva da continuidade e da ininterruptibilidade do processo das bênçãos.
2. **“Ampla suficiência”** (9:8). Trata-se de uma referência a satisfatoriedade da bênção. Ela é plena.
3. **“Suprirá”** (9:10). Alude ao reabastecimento daquele que deu, e que diminuiu seu recurso, porém suprimindo o de outro.
4. **“Aumentará”** (9:10). Neste caso, Deus não somente dá sempre, com ampla suficiência, suprimindo o necessário, mas Ele aumenta o recurso.
5. **“Multiplicará”** (9:10). A promessa é que Deus multiplicará o “fruto da justiça”. No contexto antecedente é “dar aos pobres” (9:9). Neste caso, o fruto da justiça é a bênção da graça divina na forma de prosperidade material. Não se trata apenas de ter sempre, com suficiência, realimentadamente e com adição, mas, sobretudo, com multiplicação dos frutos da justiça na forma de prosperidade. A prova disso é a continuação do texto: “Enriquecendo-vos em tudo para toda generosidade...” (9:11).

Concluindo, devemos deixar claro, outra vez, que a bênção de Deus não é uma recompensa, um prêmio aos dadivosos. Pelo menos, não no sentido de débito.

Mesmo que o nosso **dar** desembocasse em pobreza real e irreversível, ainda assim deveríamos ser movidos a fazê-lo.

Jamais devemos nos esquecer da pergunta de Paulo aos romanos:

“Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha ser restituído?” (Rm. 11:35a).

Não somos donos de nada. Tudo é de Deus. E quem se sente **dono** dos bens daqui jamais receberá os bens d’além. Por isso contribuir é mera devolução ao legítimo dono de tudo. É com-tribuir: ou seja, juntamente com os outros (com), pagar tributo (tribuir).

Bendita seja a graça de Deus, nosso Pai, que nos encontra em nossa pobreza e miséria e nos enriquece com amor, afim de que mesmo na pobreza sejamos generosos, e na prosperidade sejamos a encarnação da bondade divina na direção dos desfavorecidos e também das grandes causas missionárias, no projeto da propagação do evangelho a todas as nações.

Quem se moveu tocado pela graça de dar, pela mesma graça será tocado outra vez – e assim sempre terá. E assim sempre dará. E assim... será. Amém!

# DÉCIMO SEGUNDO PRINCÍPIO

**A contribuição gera um processo de um louvor que se retro-alimenta indefinidamente.**

Todos os movimentos da graça divina são movimentos de retro-alimentação:

“Bem-aventurados os misericordiosos, por que alcançarão a misericórdia” (Mt.5:7).

“Pois ao que tem, se lhe dará, e terá em abundância” (Mt. 25:29a).

Talvez a afirmação mais forte de que graça gera graça esteja no texto de Efésios 1:6. Literalmente, o apóstolo diz que recebemos **graça gratuita**. Com isso ele está querendo ensinar que antes de recebermos a graça, já a própria graça nos preparava para isso. Nesse caso, diríamos que há uma graça de **preparação** que nos habilita para a **graça de recepção**:

“nos predestinou para ele, para a adoção de filhos... para o louvor da glória de sua **graça**, que ele nos concedeu **gratuitamente** no amado”.

E a bendita redundância de uma graça gratuita.

Paulo entendia esse princípio de que a virtude gera virtude, num “efeito cascata”, também em relação ao louvor e as ações de graça:

“Por que o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundando em muitas graças a Deus, visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade com que contribuís para eles e para todos enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante da graça de Deus que há em vós” (II Cor. 9:12-14).

Para o meu sabor pessoal este é um dos trechos mais belos de todo o Novo Testamento. Não tanto pela sua confecção literária, ou pela profundidade teológica, mas, sobretudo, pela sua singeleza e simplicidade prática.

Paulo diz que a graça de dar desencadeia um processo de virtudes incomparáveis. Dar é uma das mais profundas formas de edificar não somente o aspecto social e econômico do outro, mas, antes disso, de edificar-lhe a alma.

Quem recebe com gratidão e reage à dádiva recebida conforme ensina a palavra de Deus, transformar-se-á numa bênção incomparável para aquele irmão que o socorreu.

Inicialmente Paulo diz que a dádiva promove um bem que está para além da assistência imediata aos santos: “redundando em muitas ações de graças” (9:12). Essas ações de graças significam uma excepcional manifestação de glória ao nome de Deus pelos filhos que Ele tem, e cujos corações são parecidos com o do Pai-generoso: “Visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus...” (9:13a). A glorificação do nome de Deus, feita por aqueles que foram o objeto da contribuição, se baseia fundamentalmente em duas atitudes que os crentes dadivosos revelaram e historicaram enquanto contribuam:

## 1. **Demonstração prática de seu compromisso real com as demandas do evangelho:**

“Glorificavam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo” (9-13b). Para os receptores agradecidos, o gesto dos irmãos contribuintes era a suprema manifestação da “orto-praxia”. A “confissão deles” – ortodoxia – transformara-se em fato.

Que bela e tremenda lição! Não importa quanto minha doutrina e confissão estejam corretas, mas sim, o quanto eu as encarno.

A ortodoxia só tem valor nos compêndios doutrinários.

Na vida o que vale é a orto-praxia. Jesus disse que deveríamos ser orto-práticos e não ortodoxos. Os fariseus eram ortodoxos, mas não eram orto-práticos (Mt. 23:3).

Parafrazeando Tiago, diríamos:

Tu tens doutrina e eu tenho vida; mostra-me essa tua doutrina de compêndio teológico, porém desencarnada e livresca, e eu, com minha vida, te mostrarei em que doutrinas creio. (Tg. 2:18).

Se a fé **vem** pelo ouvir a palavra de Deus (Rom. 10:17), no entanto, ela se **mantém** pelo fazer a vontade de Deus (Rm.1:5b).

Foi Jesus quem disse que a doutrina não é pra ser apenas aceita intelectualmente e discutida teologicamente. A doutrina tem que ser encarnada:

"Se alguém quiser fazer a vontade Dele (o Pai), **conhecerá** a respeito da doutrina, se ela é de Deus, ou se falo por mim mesmo" (João 7:17).

Na mente do Senhor o desejo do encarnar o Verbo (a doutrina) é o que nos dá acesso ao conhecimento da palavra.

Neste sentido, a teologia explica apenas uma conduta já assumida como compromisso com o mínimo que já se sabe da vontade de Deus.

Isto posto, Paulo diz aos coríntios, que o gesto contributivo deles era uma encarnação orto-prática do evangelho que eles confessavam. Primeiro vem o verbo, depois a encarnação. Mas é a encarnação que explica o verbo na História.

## **2. Demonstração prática a respeito da grandeza e dilatamento dos seus corações:**

"Glorificam a Deus pela... liberalidade com que contribuís para eles e para todos..." (9:3b).

O tamanho de um coração é medido pelo tamanho de sua liberalidade material. Esse é o critério máximo. Não há outra referência. Pode-se orar como ninguém, falar "eu te amo" como poucos, sorrir constantemente, tratar cordialmente, etc... Todavia, o critério máximo com o qual a bíblia avalia a grandeza de um coração humano, é mediante a capacidade de dar. Ainda que o que se dê seja o "pouco-tudo-que-se-tem" (Mc. 12:41-44). Mas esse é o critério. O resto é decorrência. É a maquiagem do coração, mas não o seu aspecto verdadeiro.

Prosseguindo, Paulo diz que a contribuição não somente gera ações de graça e glória ao nome de Deus pelas expressões de coerência e liberalidade de seus filhos dádiosos, mas também cria, nos receptores do benefício material, uma intensíssima atitude de oração intercessora a favor dos irmãos benfeitores. O apóstolo afirma: "eles oram a vosso favor..." (9:14).

Como dissemos inicialmente trata-se de um "efeito cascata": contribuir desencadeia gratidão, glória ao nome de Deus e orações. Quando alguém é angustiado e atribulado pede a Deus que o socorra. Mas quando Deus resolve o problema da aflição de alguém, mediante mãos humanas – aliás, aquelas que Ele mais usa – então, esse que foi o alvo do livramento de Deus, passa a orar a Deus em favor daquele que foi a resposta de Deus para o socorro das suas angustiantes necessidades.

Na necessidade, ora-se a Deus. Na gratidão, ora-se a Deus a favor daquele a quem Deus usou para socorrer-nos. E não nos esqueçamos jamais de que as mãos e os recursos com os quais Deus conta para resolver situações de aflição e necessidade humana na história dos homens são os nossos recursos, sejam eles de afeto, ações, brados, roupas, afagos, ou dinheiro (Mt. 25:31-46).

Que coisa linda!

São justamente as orações dos agradecidos pelas nossas generosas ações que liberam a força da graça a nosso favor outra vez.

As ações de socorro libertam orações de gratidão no peito dos irmãos e essas orações liberam a graça de Deus sobre aqueles cujas contribuições já tinham sido promovidas pela graça. E não somente isso, mas o ciclo prossegue gerando mais uma virtude: o afeto.

Paulo diz:

“Oram eles a vosso favor, com grande afeto...” (II Cor. 9:14b).

**Há três ocasiões na bíblia nas quais se menciona como é que o afeto e o amor nascem nos corações:**

1. Quando se encobre uma transgressão para não prejudicar o outro: “O que encobre a transgressão **adquire** amor, mas o que traz o assunto à baila, separa os melhores amigos” (Pv. 17:9).
2. Quando se arrisca a vida, a saúde ou a integridade em favor de alguém: “Assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos... a nossa própria vida, por isso que vos tornastes muito amados de nós” (I Tss. 2:8).
3. Quando se é objeto de grande socorro financeiro: “Oram eles a vosso favor, com grande afeto” (II Cor. 9:14b).

Vale observar que nas três situações é atitude de generosidade que tanto faz nascer o amor em nós por outros como em outros por nós.

Em geral os ricos não são objetos de orações positivas. Quando são objetos de oração, tornam-se quase sempre, alvos de orações-negativas. Explicando: normalmente ninguém ora a favor dos ricos porque sempre se supõe que eles não necessitam de orações a seu favor porque nada lhes falta. No entanto, quando se ora a Deus mencionando-os é no sentido de que Deus lhes quebre e abra o coração; ou seja, trata-se de uma oração negativa, na medida que ela é uma intercessão no sentido de que o pecado da insensibilidade ou da indiferença lhes seja banido dos corações.

Mas quando pessoas oram grata e positivamente a favor dos que têm posses, foi porque eles se tornaram generosos e manifestadores da graça de Deus a favor dos menos favorecidos. São justamente esses necessitados feitos objeto da justiça dos que têm mais recursos, aqueles que terão justas e muitas razões para orarem afetosamente a favor deles.

Sim! A graça gera graça!

Tudo começa com graça. Tudo acontece na graça. Tudo se transforma em graça outra vez.

É a lei de Lavoisier aumentada e feita teologia positiva: na graça tudo se cria, nada se perde, tudo se transforma.

Por essa razão Paulo diz que os crentes pobres da Judéia eram gratos em virtude da “superabundante graça de Deus” que havia naqueles irmãos dadivosos (II Cor. 9:14b).

Esse é o processo de um louvor que se retro-alimenta indefinidamente.

## **DÉCIMO TERCEIRO PRINCÍPIO**

## **A contribuição financeira é a resposta material à compreensão de que se recebeu o dom inefável: Jesus.**

A coisa mais admirável que se encontra na teologia cristã é a sua capacidade de unificar a existência, devocionalizando-a, liturgizando-a e sacramentalizando-a:

“Seja o mundo seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as coisas futuras, **tudo é vosso**, e vós de Cristo, e Cristo de Deus” (I Cor. 3:22).

Em Cristo, acabam-se as dicotomias, os dualismos, as separações, as departamentalizações e os seccionamentos. A vida se unifica e tudo tem que apontar na direção da glória de Deus.

No acontecimento da transfiguração de Cristo as declarações feitas acima se tornam geografia, corpo e história. Note como “o rosto se transfigurou e as vestes resplandeceram de brancura” (Lc. 9:29). Até o nevoeiro da montanha se tornou luminoso e pleno da glória de Deus (Mt. 17:5). Tudo isso se deu num “alto monte” (Mt 17:1b). Provavelmente o Hermom, pelo fato de que no contexto antecedente, Jesus aparece no extremo norte do país indo para Cesaréia de Felipe, cidade erigida no sopé daquele monte (Mt. 16:13). O belo, no entanto – como observou Francis Schaeffer – é que o Novo Testamento diz: “Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os a sós, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado diante deles...” (Mc. 9:2). Após aquela manifestação da “Avant Première” do Reino de Deus (Mc. 9:1), o texto prossegue dizendo: “No dia seguinte desceram eles do monte...” (Lc 9:37).

Introduzimos essa narrativa compilada da transfiguração de Jesus apenas para demonstrar que afirmei no intróito: a coisa mais admirável da fé cristã é sua capacidade de unificar a existência. Senão vejamos:

1. **A geografia pode ser santificada:** “Foi para as bandas de Cesaréia de Felipe” (Mt. 16:13).

Diga-se de passagem que aquela era uma das regiões mais idolatradas do país, desde os tempos anteriores à ocupação israelita. E continuou sendo até a ocupação romana, quando a cidade foi dedicada ao “divino” César. Ali havia, nos dias de Jesus, toda a estrutura gentílica dos romanos e também altares com nichos a deuses pagãos. Mas é aí na “geografia da profanação e da idolatria” que Deus resolveu fazer uma Catedral de olivais e pedras lisas e brancas, a ponto de Pedro chamar o lugar de “monte santo” (II Pedro 1:18).

2. **Os fenômenos naturais podem ser glorificados:** “Uma nuvem luminosa os envolveu” (Mt. 17:5).

Ora, o Hermom sempre foi conhecido pela sua capacidade de condensar nevoeiros, pela sua grande altitude (2.300 metros). Por isso, ele foi, é, e sempre será uma das maiores bênçãos de Deus para Israel, pluviometricamente falando; Pois são seus degelos que engrossam as águas do Jordão, como também é o seu orvalho que molha – soprado pelos ventos do norte – toda a região da Judéia, bem menos densa de orvalho noturno (Sl. 133:3). Nesse caso, Deus não fez “surgir do nada” uma nuvem. Ele apenas glorificou as que ali havia. Os fenômenos naturais podem ser cheios da glória do Senhor (Sl. 29).



3. **A história pode e deve ser o espaço da glória de Deus:** “Seis dias depois... levou-os... a um alto monte. Foi transfigurado... No dia seguinte desceram do monte” (Mt. 9:2; Lc. 9:37).

Existe um tempo antes da transfiguração, existe um tempo durante a transfiguração, e existe um tempo depois da transfiguração. A transfiguração foi histórica e, portanto, capaz de santificar a História e o calendário da vida humana.

4. **O físico pode ser glorificado:** “O seu rosto resplandecia como o sol” (Mt. 17:12).

Acabam-se aqui as heresias gnósticas e as dicotomias entre material e espiritual, entre físico e abstrato. A glória daqui em diante tem cara e tem corpo. Jesus deu fisionomia a Shekiná de Deus. O corpo pode ser a catedral da glória (I Cor. 6:19).

5. **O cultural pode ser glorificado:** “As suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt. 17:2).

O roupão judaico foi santificado juntamente com tudo mais. Com isso deve terminar a santificação de certas modas sub-culturais e a profanação de outras. “Eu sei, e disso estou persuadido no Senhor Jesus, que nenhuma **coisa** é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera; para esse é impuro” (Rm. 14:14). “Todas as **coisas** são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque, tanto a mente quanto a consciência deles estão corrompidas” (Tito 1:15).

Bem. Talvez você pergunte: o que isso tudo tem a ver com a nossa proposição inicial? Qual é a ligação entre esse arrazoado acerca de transfiguração de Cristo e a afirmação de que contribuição financeira é a resposta material à compreensão de que se recebeu dom inefável? Eu quero iniciar a resposta com uma pergunta: E se no roupão glorificado de Jesus houvesse uma nota de cem **cruzados** e um cheque de mil **cruzados** – desculpando a defasagem histórica e o anacronismo econômico – eles ficariam também resplandescentes e transfigurados juntamente com o **monte** (II Pd. 1:18), o **dia** (Mc. 9:2, Lc 9:37), a **geografia** (Mt. 16:13), o **corpo** (Mt. 17:2) e os **elementos culturais** (Mt. 17:2b)?

A resposta é óbvia. É claro que sim!

Fiz tão longa introdução a este último princípio apenas para tentar fazer você compreender definitivamente que os seus bens materiais podem, devem e precisam ser glorificados com a glória de Deus. É por causa disso que Paulo associa a questão da contribuição ao tema dos temas e à graça das graças: a salvação em Jesus.

Após discutir e expor princípios de contribuição, o apóstolo conclui dizendo:

“Graças a Deus pelo dom inefável” (II Cor. 9:15).

Por que Paulo termina assim as suas reflexões? Simplesmente porque o assunto que lhe tomara bastante tempo de exposição (Em nossa bíblia são dois capítulos), era algo santo e puro. E por essa mesma razão, lhe trazia à mente a mais santa de todas as reflexões e o mais belo de todos os temas: a graça salvadora de Deus em Jesus Cristo, o dom inefável.

No entanto, além de afirmar – por interferência – que os bens materiais, quando usados com as boas motivações do amor e da alegria, tornam-se santificados a ponto de se poder

associá-los ao que de mais santo há na vida, Paulo também nos chama a atenção para outra ligação que há entre as contribuições e Cristo.

Ora, se o apóstolo após chamar o gesto de contribuir de graça de Deus a nós (II Cor. 8:1,4), e de graça nossa à outros (II Cor. 8:7), e de graça de outros à nós (II Cor 9:12 e 14), o conecta à graça salvadora de Deus e ao dom inefável, então é porque o ato de contribuir é a resposta e a confissão econômica que fazemos da nossa compreensão teológica daquilo que recebemos por fé; um testemunho da nossa alegria da salvação e admoestação da “obediência da nossa confissão quanto ao evangelho de Cristo” (II Cor. 9:13b). Por esta razão, contribuir não deve ser apenas uma banal opção que alguns cristãos fazem, mas uma resposta concreta e mensurável de nossa fé em Cristo e em sua Palavra. Contribuição é profissão de fé.

Contribuir é o “tomar da cruz” do discipulado econômico daquele que nos convida a segui-lo, ensinando-os que, **se necessário for**, sendo ricos, devemos nos tornar pobres, para que outros se tornem ricos (II Cor. 8:9). E mais, que mesmo sendo pobres, devemos nos fazer mais pobres ainda, a fim de participarmos da graça de contribuir (II Cor. 8:2).

Quem recebeu o “dom inefável” demonstra esse recebimento manifestando uma nova atitude diante do dinheiro. Foi assim com Zaqueu. Em nenhum momento Jesus afirmou sua salvação até que houvesse a conversão da atitude de Zaqueu diante dos bens materiais. Aí então Jesus disse: “Hoje entrou salvação nesta casa...” (Lc. 19:9). Por outro lado, a não percepção da grandeza do dom inefável desemboca numa opção velada e, tantas vezes, até educada de opção pelo dinheiro. Foi o caso do jovem abastado e religioso, mas que não descobriu em Jesus o dom dos dons, a dádiva das dádivas, capaz de fazê-lo considerar os bens materiais como refugio. Por isso, ele se retirou da presença de Jesus entristecido (Lc. 18:22 e 23). Não é à toa que Jesus compara a descoberta do reino a um “achado” que provoca a venda de tudo o que se possui para se ter acesso a essa riqueza (Mt 13:44). Não é também casual que Jesus tenha colocado o dinheiro como notoriamente perigoso no que tangia a afastar as pessoas da porta do reino (Lc. 18:24 e 25). Com tantas advertências, o Novo Testamento não pretende deixar-nos neuróticos e transformar-nos em ascetas. Pelo contrário, somos estimulados a viver a vida com alegria e cosmovisão do nosso privilégio universal como herdeiros de Deus (I Co. 3:22; II Co 4:15 a ). O próprio Paulo nos diz que Deus nos proporciona certos confortos para “o nosso aprazimento” (ITim. 6:17 b). Todavia, todas essas coisas devem estar debaixo do senhorio absoluto do Senhor, e a maior prova de que estão, não é a quantidade de orações e de abstratas consagrações que alguém possa fazer de seus bens ou de sua conta bancária nos domingos de culto, no altar da igreja. Essas contribuições mágicas, abstratas, esotéricas e sem conseqüências na vida real, na forma de generosidade, liberalidade, distribuição e graça, nada tem de relação com o senhorio de Cristo sobre nossos bens.

O senhorio de Cristo sobre os seus bens não é apenas orar pedindo ao Senhor que santifique o dinheiro com o qual se vai comprar um colar de pérolas para o seu uso pessoal. O senhorio de Cristo se traduz na compreensão de que aquele colar de pérolas que adornará o seu pescoço em eventuais momentos, pode significar um indispensável recurso para sustentar missionários, socorrer necessitados ou deflagrar um processo evangélico que salvará centenas de pessoas.

Chega de esoterismo de pseudo-consagrações dos nossos bens. Daqui para frente que fique claro para você que os seus bens materiais têm quem se converter numa resposta concreta de sua compreensão da graça divina. Use de maneira tão linda, generosa, liberal e santa os seus recursos materiais – poucos ou muitos – de tal maneira que você possa dizer:

“Graças a Deus, pelo dom inefável”.

Se a sua maneira de ser gracioso e dadivoso lembrar a você e a outros a graça e a bondade de Deus, então saiba, você começou, também na área financeira e econômica, a ser um discípulo de Jesus Cristo. E assim, muitos glorificarão a “Deus pela obediência da sua confissão quanto ao evangelho de Cristo e pela liberalidade com que você contribui para eles e para todos, enquanto oram eles a seu favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus que há em você”.

Se isso acontecer na sua vida, na minha vida e na igreja brasileira, então “graças a Deus pelo dom inefável”. Jesus não terá morrido em vão e seu exemplo de graça e auto-empobrecimento não terá ficado sepultado e sem ressurreição. Pelo contrário, ter-se-á tornado uma especial graça em nossa vida, provocando um sério discipulado econômico e uma extraordinária ressurreição de liberdade e alegria de doar.

Que Deus nos tire a mesquinhez e a mediocridade e nos conduza à **genero**-sidade, ao gênero humano, à plenitude da estatura de Cristo, à imagem de Deus também nas nossas dadivosas contribuições.

“Tenho-vos mostrado em tudo que trabalhando assim, é mister socorrer aos necessitados, e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem aventurado é dar que receber” (Atos 20:35).

Quem são os poucos que desejam a graça de contribuir?

Você é um deles?

Caio Fábio

Julho de 1986

Holanda